



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO

CENTRO DE LETRAS E ARTES

INSTITUTO VILLA-LOBOS

LICENCIATURA EM MÚSICA

Orquestra de Cordas Dedilhadas Claudionor Cruz:

Uma Proposta de Musicalização Através da Prática de Conjunto no Ensino

Médio.

MARCOS VINICIUS GOMES DE CARVALHO

Rio de Janeiro
2023

Catálogo informatizada pelo(a) autor(a)

CM321 Carvalho, Marcos Vinicius Gomes de
 Orquestra de Cordas Dedilhadas Claudionor Cruz: Uma
Proposta De Musicalização Através da Prática de Conjunto no
Ensino Médio / Marcos Vinicius Gomes de Carvalho. -- Rio
de Janeiro, 2023.
 57

 Orientador: Pedro de Moura Aragão.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Graduação
em Música - Licenciatura, 2023.

 1. Orquestra Claudionor. 2. Prática de Conjunto. 3.
Orquestra de Cordofones. I. Aragão, Pedro de Moura,
orient. II. Título.

Marcos Vinicius Gomes de Carvalho

Orquestra de Cordas Dedilhadas Claudionor Cruz: uma proposta de musicalização
através da Prática de Conjunto no Ensino Médio.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Instituto Villa-
Lobos do Centro de Letras e Artes
da UNIRIO, como requisito
parcial para obtenção do grau de
Licenciado em Música sob a
orientação do Professor Doutor
Pedro Aragão.

Rio de Janeiro, 2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO

Centro de Letras e Artes - CLA Instituto Villa-Lobos - IVL

Curso de Licenciatura em Música

“ORQUESTRA DE CORDAS DEDILHADAS CLAUDIONOR CRUZ: UMA PROPOSTA DE MUSICALIZAÇÃO ATRAVÉS DA PRÁTICA DE CONJUNTO NO ENSINO MÉDIO”

Por

MARCOS VINICIUS GOMES DE CARVALHO

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente



PEDRO DE MOURA ARAGAO
Data: 11/01/2024 17:15:21-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Pedro de Moura Aragão (Orientador)

Documento assinado digitalmente



JOSIMAR MACHADO GOMES CARNEIRO
Data: 15/12/2023 16:56:29-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Josimar Machado Gomes Carneiro

Documento assinado digitalmente



SILVIA GARCIA SOBREIRA
Data: 15/12/2023 17:14:33-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª. Dra. Silvia Garcia Sobreira

Nota : 10 (dez)

DEZEMBRO DE 2023

AGRADECIMENTOS

A Deus que me agradeceu com as oportunidades necessárias para concluir mais essa etapa. Agradeço por todos os momentos da minha graduação, por toda pesquisa e aprendizado. Por sempre me dar forças para continuar, mesmo quando exausto. Por todas as experiências. Pela minha própria vida. Agradeço também a mãe de Deus e nossa, Santíssima Virgem Maria. Por toda intercessão que com certeza estiveram presentes em meus estudos. Também agradeço às intercessões de Santa Cecília, a quem muitas vezes me dirigi ao longo do meu caminho musical, pedindo paz e coragem.

À minha mãe, Doralice, ou como reconhecida por mim, “pãe”. Mãe solo que dedicou sua própria vida em prol do desenvolvimento da minha. Mulher guerreira que me incentiva sempre a lutar e a conquistar aquilo que é meu. Minha primeira incentivadora desde os 6 anos de idade. Se estou aqui, foi ela quem tornou isso possível. Também agradeço ao meu irmão, Matheus, pelo apoio familiar, assim como também à sua filha, Isadora, a quem me inspiro a criar forças. De forma geral, também agradeço às minhas incentivadoras: a minha cunhada Vilma e a minha madrinha Chagas, que sempre me ajudaram prontamente nas “correrias” cotidianas.

Aqui peço licença para citar os meus amigos que estavam presentes no meu dia a dia dentro das instalações da faculdade. A eles agradeço todo apoio e ajuda que dedicaram a mim, me ajudando em todos os desafios. Agradeço à Antonia Juegelt, Beatriz Araújo, Bruna Zurmele, Davi Lucena, Eric Mendonça, Isadora Blanc, José Ari, Joseph Hamilton, Larissa Santos, Marllon Fernandes, Miguel Andrade, Mileni Rocha, Sergio Neto e Stephanie Alves.

Aos meus amigos que embora não tenham cursado a faculdade junto a mim, me motivaram sempre a seguir meus sonhos e acreditar que é possível realiza-los. São amigos de grande estima e de muito valor. Certeza que a torcida e intercessão de muitos foi de extrema importância para a permanência dessa jornada. Agradeço aos meus amigos: Alan Carvalho, Davi Lopes, Edivanea Rodrigues, Fabiano Marcos, Fábio Licca, Francisco Dalmir, Gabriel Vital, Kailany de Medeiros, Laiana Andrade, Laisa Ribeiro, Leticia Guimarães, Lucas Andrade, Lucas Brasil, Luis Alberto e Sarah de Medeiros.

Aos meus professores da UNIRIO, meu orientador Pedro Aragão e aos meus professores de violino Mariana Isdebski Salles e Fabio Peixoto por toda dedicação em me

transmitir os devidos conhecimentos. Agradeço por toda possibilidade que tive de estudar e de aprender. Agradeço a paciência e a disposição de ensinar. Também agradeço aos professores Almir Cortes, Josimar Carneiro e Lesliê Mulico por me cederem a entrevista para a coleta de dados.

Aos meus professores exteriores à faculdade. Ao meu professor Tomaz Soares pelo meu preparo e por me ensinar compreendendo minhas necessidades sempre acreditando em mim. Também meu ao professor Felipe Prazeres por toda paciência dedicada a mim durante minha passagem na Academia Juvenil da Petrobrás Sinfônica, onde fui preparado para o ingresso na graduação. A Guilherme de Carvalho por me incentivar desde cedo a me desenvolver no meio musical. Ao meu amigo e professor Alberto Boscarino Junior, quem acompanhou toda minha trajetória no ensino médio e me incentivou a continuar na música no ensino superior.

Às demais pessoas que contribuíram para a minha formação e permanência na graduação. À Denise Santiago e à Ana Paula por toda disponibilidade e profissionalismo em manter as necessidades dos estudantes sempre acolhidas. Ao motorista do ônibus intercampi sentido Baixada Fluminense, Roberto Ornellas, por todas as vezes que me possibilitou ficar mais tempo na faculdade estudando e chegando em casa sem preocupações. Agradeço também à Edison Neri, responsável pela papelaria próxima ao restaurante universitário, por todo suporte em socorrer minhas necessidades em relação ao meu material didático. Por fim, agradeço a bibliotecária do Centro de Letras e Artes, Barbara Ribeiro por toda disposição a me ajudar com a formatação do TCC.

A todos, meus mais sinceros: muito obrigado!

CARVALHO, Marcos Vinicius Gomes de. Orquestra de Cordas Dedilhadas Claudionor Cruz: uma proposta de musicalização através da Prática de Conjunto no Ensino Médio. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Música) – Instituto Villa-Lobos – IVL, Centro de Letras e Artes – CLA, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, Rio de Janeiro, 2023.

RESUMO

A presente monografia tem por objetivo apresentar as características pedagógico-musicais do Projeto de Extensão “Orquestra de Cordas Dedilhadas Claudionor Cruz do CEFET/RJ”, averiguando os processos de ensino-aprendizagem adotados para a constituição e manutenção da Prática de Conjunto entre alunos do ensino médio de uma Instituição Tecnológica Federal de Ensino no Rio de Janeiro. Além da revisão da bibliografia, a metodologia de investigação optou por realizar entrevistas semiestruturadas com integrantes e ex-integrantes da Orquestra Claudionor Cruz e de orquestras similares. Através das perspectivas investigadas no levantamento bibliográfico, pretendemos acompanhar, observar e descrever as práticas pedagógicas-musicais adotadas na Orquestra de Cordas Dedilhadas Claudionor Cruz, na busca de compreendermos a dimensão, a aplicabilidade e a eficácia dessas práticas. A pesquisa sobre o tema contribuiu para a compreensão de uma metodologia de ensino-aprendizagem para a organização de orquestras de cordofones na educação básica. A pesquisa baseia-se segundo as perspectivas de Alice Alves, Lucy Green, Margarete Arroyo, Regiana Wille, entre outros.

Palavras-chave: Orquestra Claudionor Cruz, Prática de Conjunto, Orquestras de Cordofones, Ensino Médio Integrado.

CARVALHO, Marcos Vinicius Gomes de. Plucked String Orchestra Claudionor Cruz: a proposal for musicalization through Ensemble Practice in High School. Bachelor's Thesis (Music Education) – Villa-Lobos Institute – IVL, Center for Letters and Arts – CLA, Federal University of the State of Rio de Janeiro – UNIRIO, Rio de Janeiro, 2023.

ABSTRACT

This monograph aims to present the pedagogical-musical characteristics of the Extension Project "Claudionor Cruz Plucked String Orchestra" at CEFET/RJ, examining the teaching and learning processes adopted for the establishment and maintenance of Ensemble Practice among high school students at a Federal Technological Education Institution in Rio de Janeiro. In addition to the literature review, the research methodology chose to conduct semi-structured interviews with current and former members of the Claudionor Orchestra and similar orchestras. Through the perspectives investigated in the literature review, we intend to monitor, observe, and describe the pedagogical-musical practices adopted in the Claudionor Cruz Plucked String Orchestra, aiming to understand the dimension, applicability, and effectiveness of these practices. The research on the topic has contributed to understanding a teaching and learning methodology for the organization of string instrument orchestras in basic education. The research is based on the perspectives of Alice Alves, Lucy Green, Margarete Arroyo, Regiana Wille, among others.

Keywords: Claudionor Cruz Orchestra, Ensemble Practice, String Instrument Orchestras, Integrated High School.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	11
2. Uma Breve História Sobre as Orquestras de Cordas Dedilhadas no Brasil.....	14
2.1 Orquestra de Cordas Dedilhadas de Pernambuco.....	15
2.2 Orquestra de Cordas Brasileiras.....	20
2.3 Orquestra de Cordas Dedilhadas da UNIRIO.....	28
3. Orquestra de Cordas Claudionor Cruz do CEFET/RJ.....	33
3.1 Os Ensaios.....	44
3.2 O Repertório.....	46
4. Discussão.....	50
5. Considerações Finais.....	53
6. Referências.....	55
7. Anexos.....	56

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - Foto do Orquestra de Cordas Dedilhadas de Pernambuco.....	18
FIGURA 2 - Disco lançado em 1984 pela Funarte, produzido por Maurício Carrilho.....	18
FIGURA 3 - Capa do CD de 1989 da Orquestra de Cordas Dedilhadas de Pernambuco...19	
FIGURA 4 - Capa do CD Capiba 80 Anos.....	19
FIGURA 5 - Foto da Orquestra de Cordas Brasileiras.....	24
FIGURA 6 - Capa do CD da Orquestra de Cordas Brasileiras de 1989.....	25
FIGURA 7 - Capa do CD da Orquestra de Cordas Brasileiras de 1990 – Retratos.....	25
FIGURA 8 - Anúncio de 180 cupons na pré-venda do LP de 1989.....	26
FIGURA 9 - Certificação de aquisição antecipada para o LP de 1990.....	26
FIGURA 10 - Anúncio do jornal O Globo da apresentação no Parque Catacumba, na Lagoa em 10 de setembro de 1989.....	27
FIGURA 11 - Anúncio da Orquestra de Cordas Brasileiras no CCBB pelo jornal O Globo em 25 de fevereiro de 1992	27
FIGURA 12 - Orquestra de Cordas Dedilhadas da UNIRIO em apresentação a Casa do Choro.....	32
FIGURA 13 - Captura do vídeo produzido durante a pandemia em 2020 tocando Escovado de Ernesto Nazareth.....	32
FIGURA 14 - Orquestra de Cordas Dedilhadas Claudionor Cruz do CEFET/RJ.....	33
FIGURA 15 - Cartaz da apresentação da Orquestra de Cordas Dedilhadas Claudionor Cruz na Semana de Exposição de 2022.....	35
FIGURA 16 - Cartaz da apresentação da Orquestra de Cordas Dedilhadas Claudionor Cruz na Semana de Exposição de 2023.....	36
FIGURA 17 - Orquestra de Cordas Dedilhadas Claudionor Cruz do CEFET/RJ. II Encontro Internacional de Cordofones da UFRJ em 2018.....	39
FIGURA 18 - Apresentação da Orquestra Claudionor Cruz na SEPEX 2018 no dia 16 de outubro de 2018 no auditório 1.....	40
FIGURA 19 - Captura do vídeo da SEPEX 2020. Este Choro é Meu Pranto (Claudionor Cruz).....	41
FIGURA 20 - Captura do vídeo da SEPEX 2021. Flor do Cerrado (Waldir Azevedo).....	41
FIGURA 21 - Aulas Práticas e Ensaio da Orquestra Claudionor Cruz com a utilização de	

Songbook.....	45
FIGURA 22 - Ensaio para a apresentação para SEPEX 2023.....	46
FIGURA 23 - Exemplo do arranjo do choro “Esse Choro é meu Pranto”, de Claudionor Cruz. Primeira página.....	47
FIGURA 24 - Apresentação da Orquestra Claudionor Cruz na comemoração dos 10 anos do <i>campus</i> Maria da graça no dia 09 de junho de 2016 na quadra esportiva.....	49
FIGURA 25 - Foto do conjunto após a apresentação na SEPEX 2023.....	49

TABELA DE ANEXOS

Tabela 1: Perguntas pré-determinadas para a realização da entrevista com o professor Alberto Boscarino Junior.....	56
Tabela 2: Perguntas pré-determinadas para a realização da entrevista com o professor Lesliê Vieira Molico.....	56
Tabela 3: Perguntas pré-determinadas para a realização da entrevista com o professor Almir Cortes, Pedro Aragão e Josimar Carneiro.....	56
Tabela 4: Perguntas pré-determinadas para a realização da entrevista com os alunos participantes do projeto.....	57
Partitura 1: Chiquita. Valsa de Waldir Azevedo. Folha 1.....	58
Partitura 2: Chiquita. Valsa de Waldir Azevedo. Folha 2.....	59
Partitura 3: Saudoso Jacaré. Jongo de Siqueira. Folha 1.....	60
Partitura 4: Saudoso Jacaré. Jongo de Siqueira. Folha 2.....	61
Partitura 5: Esse Choro é Meu Pranto de Claudionor Cruz.....	62
Partitura 6: A Moçada no Samba de Tico-tico.....	63
Partitura 7: Proezas de Solon. Choro de Pixinguinha e Benedito Lacerda.....	64
Partitura 8: Peneirando. Baião de Joel Nascimento. Folha 1.....	65
Partitura 9: Peneirando. Baião de Joel Nascimento. Folha 2.....	66

1) INTRODUÇÃO

O interesse em desenvolver uma pesquisa sobre a Orquestra de Cordas Dedilhadas Claudionor Cruz do CEFET/RJ envolve motivos pessoais, acadêmicos e profissionais. Ao cursar o Ensino Médio no CEFET/RJ – *campus* Maria da Graça - entre os anos de 2016 e 2019, participei como integrante dessa Orquestra, e a experiência adquirida através desse projeto de extensão contribuiu consideravelmente para a minha formação musical, e me incentivou a investigar os processos de ensino-aprendizagem adotados para a estruturação deste grupo musical. Durante esse período, tive a oportunidade de tocar diversos instrumentos musicais, além de poder experimentar um repertório diverso com músicas brasileiras como bossa nova, choro, baião, samba, entre outros gêneros musicais pouco familiares para a minha formação musical. Apesar de se tratar de um Orquestra de Cordas Dedilhadas, tive a oportunidade de ingressar no grupo tocando violino, meu principal instrumento de estudo e trabalho, mas, ao mesmo tempo, tive a oportunidade de estudar o bandolim, devido à similaridade da afinação entre esses instrumentos. Além disso, enquanto cursava o ensino médio, tive a oportunidade de ocupar a atividade de monitor da matéria de Artes, podendo auxiliar, durante as aulas regulares e no projeto de extensão, o ensino musical com base no conteúdo da orquestra.

A Orquestra de Cordas Dedilhadas Claudionor Cruz do CEFET/RJ foi criada em 2016 a partir de um Projeto de Extensão coordenado pelos professores Alberto Boscarino e Luciano Melo Dias no *campus* Maria da Graça. O compositor e instrumentista de choro Claudionor Cruz, que ministrava aulas gratuitas de música para jovens, em sua residência no bairro da Abolição, entre as décadas de 1970/1980, foi escolhido como patrono da orquestra. O Projeto também reúne em sua formação instrumentistas de cordas dedilhadas e percussão para o estudo e interpretação da música brasileira e de outras nacionalidades. A base da orquestra é constituída por docentes, discentes, servidores técnicos e administrativos além de membros externos à comunidade escolar que possuam habilidade técnica instrumental para a formação dos naipes.

A Orquestra Claudionor Cruz é constituída em sua base por cordofones e instrumentos de percussão, como o bandolim, o cavaquinho, a viola de 10 cordas, o violão de 6, o violão de 7, o contrabaixo, a guitarra elétrica, o violão tenor, o pandeiro, a caixa, entre outros. Entretanto, outros instrumentos podem ser admitidos para integrarem o grupo em peças específicas, como a flauta, o teclado, o violino ou o saxofone. As obras que compõem o repertório da orquestra são, em sua maioria, de compositores ligados à

história musical da periferia da Cidade do Rio de Janeiro: Waldir Azevedo, Claudionor Cruz, Pixinguinha, Garoto, Mestre Siqueira, Jacob do Bandolim, Abel Ferreira, Tico-Tico, Joel Nascimento, Paulo Moura, Luiz Americano, entre outros, além de músicas do repertório latino-americano.

A escolha do repertório é realizada em conjunto com os discentes, que associam importantes obras musicais a seus compositores e bairros de origem. Os alunos acabam percebendo que residem nos bairros em que esses compositores viviam, e que a história da música popular brasileira está associada à história da ocupação do subúrbio carioca. Por isso, a maior parte do repertório escolhido representa uma forma de resistência cultural, afirmando a identidade cultural dos integrantes da Orquestra e resgatando obras musicais que por vezes foram apagadas, esquecidas ou sofreram até alguma forma de preconceito musical. Além disso, a orquestra se apresenta regularmente nas atividades anuais internas de extensão do CEFET/RJ, geralmente no *campus* Maria da Graça, e em eventos externos como os Festivais Internacionais de Cordofones promovidos pela UFRJ. Ademais, a Unidade Maracanã do CEFET/RJ abriga outro projeto de extensão de cordofones, uma Orquestra de Violões composta por dois professores da instituição e outros professores externos. É a antiga Orquestra de Violões do CBM, dirigida pelo violonista Paulo Pedrassoli.

A metodologia de nossa pesquisa adotou um levantamento bibliográfico de fontes associadas às orquestras de cordofones e utilizará o depoimento de músicos integrantes dessas orquestras coletados através de entrevistas semiestruturadas.

Através das perspectivas investigadas no levantamento bibliográfico, pretendemos acompanhar, observar e descrever as práticas pedagógicas-musicais adotadas na Orquestra de Cordas Dedilhadas Claudionor Cruz, na busca de compreendermos a dimensão, a aplicabilidade e a eficácia dessas práticas. Portanto, apontamos uma primeira questão: Quais são as características pedagógico-musicais do projeto da Orquestra de Cordas Dedilhadas Claudionor Cruz? Esse questionamento visa uma reflexão a respeito da lacuna que temos em relação à prática em conjunto com orquestras de cordofones no ensino médio, uma vez que tal atividade musical não é regularmente adotada no ensino básico como proposta de musicalização.

A pesquisa tem como objetivo analisar e estudar as características pedagógico-musicais do Projeto de Extensão “Orquestra de Cordas Dedilhadas Claudionor Cruz do

CEFET/RJ”, averiguando e descrevendo os processos de ensino-aprendizagem adotados para a constituição e manutenção da Prática de Conjunto entre alunos do ensino médio de uma Instituição Tecnológica Federal de Ensino no Rio de Janeiro. Para uma compreensão adequada do nosso objeto de estudo, nossa pesquisa será complementada por objetivos específicos, como a descrição da história da Orquestra Claudionor; fazer o levantamento das apresentações e demais atividades da orquestra; realizar um levantamento bibliográfico sobre as possíveis metodologias de ensino aplicadas e estudos de casos similares; caracterizar o ensino musical na educação básica por meio da prática em orquestras; descrever e analisar o repertório, as partituras e os arranjos utilizados; observar e descrever os ensaios da Orquestra Claudionor; acompanhar e analisar o processo de ensino-aprendizagem adotado nas aulas de formação musical complementar do referido Projeto (cursos de extensão); investigar, através da revisão bibliográfica, a existência de projetos semelhantes. Assim como também, entrevistas com integrantes que atuam nesse Projeto de Extensão e seus coordenadores foram realizadas a fim de coletar dados para a pesquisa.

Os resultados dessa pesquisa poderão contribuir para a formação e a prática do professor de música interessado em desenvolver o seu ensino por meio da prática de conjunto em uma orquestra de cordofones. A formação de um conjunto instrumental dessa característica pode ser realizada com a aquisição de instrumentos musicais de baixo custo, proporcionando um investimento possível para instituições ou para os discentes e demais integrantes. A descrição da metodologia de ensino individual e coletiva (prática de conjunto) poderá auxiliar os professores de música do ensino médio a aplicarem essa proposta durante a organização de grupos de cordofones e na musicalização de jovens estudantes.

Consequentemente, embora a respectiva orquestra se encontre em um contexto escolar específico, – uma instituição de ensino federal onde os alunos cursam o ensino médio em concomitância com o ensino profissionalizante – a aplicabilidade dessa proposta pode ser vista de forma ampla, podendo ser adotada em escolas públicas e privadas do ensino básico, em diversos cursos de graduação (inclusive nos de música), em cursos livres ou agremiações da sociedade civil.

2) UMA BREVE HISTÓRIA SOBRE AS ORQUESTRAS DE CORDAS DEDILHADAS NO BRASIL

Os conjuntos de cordofones fazem parte da história da música popular brasileira há mais de um século: nas formações instrumentais de Choro da segunda metade do século XIX, nos grupos de Samba e Choro do século XX, nas Orquestras de Violões e Violas, em grupos instrumentais mistos como o Quinteto Armorial ou o Quinteto Violado, e nas formações ecléticas ampliadas de cordofones, as quais designamos formalmente como Orquestras de Cordas Dedilhadas.

Por meio de levantamento bibliográfico a ser apresentado ainda nesse capítulo, encontramos estudos sobre Orquestras de Cordas Dedilhadas no Brasil, suas práticas e ações pedagógica-musicais. Além disso, para que possamos entender melhor quais conjuntos de cordofones dedilhados caracterizam tal ação musical, apresentaremos alguns exemplos como referência, como a Orquestra de Cordas Dedilhadas de Pernambuco, a Orquestra de Cordas Brasileiras, a Orquestra de Cordas Dedilhadas da UNIRIO e a Orquestra de Cordas Dedilhadas Claudionor Cruz, sendo esta última o objeto central de nossa pesquisa.

Portanto, esse capítulo busca destacar que as orquestras em questão são diferentes em sua composição (quantidade de instrumentistas), repertório, e também no tocante às propostas de interpretação/atuação. Enquanto a Orquestra de Cordas Dedilhadas de Pernambuco e a Orquestra de Cordas Brasileiras atuaram em campo mais performático dentro do meio musical, a Orquestra de Cordas Dedilhadas da UNIRIO e a Orquestra de Cordas Dedilhadas Claudionor Cruz são orquestras que possuem propostas de ensino-aprendizagem.

Dessa forma, este capítulo tem como objetivo contextualizar a estrutura de uma orquestra de cordofones dedilhados, classificando os instrumentos de acordo com a proposta de cada conjunto orquestral. Por isso, precisamos atentar para a diferenciação funcional entre as designações “Orquestra de Cordas” e “Orquestra de Cordas Dedilhadas”. Quando não usado o termo “dedilhado”, ou seja, usando-se apenas o termo “orquestra de cordas”, podemos nos referir a outra formação instrumental, que nesse caso, pode dizer respeito a um conjunto musical formado por instrumentos de cordas friccionadas, composta por violinos, violas de arco, violoncelos e contrabaixos acústicos. Quando ampliado, o último conjunto citado pode se constituir em uma orquestra

sinfônica, que, além das cordas friccionadas, agrupa outros instrumentos musicais, como os sopros da família das madeiras (flauta, flautim, oboé, corne inglês, clarinete, clarone, fagote), os metais (trompa, trompete, trombone, tuba) e a percussão (tímpano, pratos, xilofone, bumbo, caixa). Entretanto, a instrumentação comum de uma Orquestra de Cordas Dedilhadas é constituída por cordofones que possuem digitação predeterminadas por trastes, e se apresentam como instrumentos temperados por manuseio de forma dedilhada (pelos dedos ou por palheta), com uma afinação pré-definida. Embora esse tipo de orquestra tenha a base de sua instrumentação formada por cordofones, – violões, violas de 10 cordas, violão tenor, violão baixo, cavaquinho, bandolim, banjo, guitarra elétrica – sua formação não se restringe apenas ao uso de tais instrumentos, podendo integrar outros instrumentos musicais como sopros ou percussão. Porém, nem toda “Orquestra de Cordas” é formada exclusivamente por instrumentos de cordas friccionadas. Podemos perceber isso, por exemplo, na Orquestra de Cordas Brasileiras, que embora utilizasse esse nome, era constituída em sua maioria por instrumentos dedilhados.

Apresentaremos a seguir algumas informações acerca das orquestras que foram selecionadas para uma análise comparativa em nossa pesquisa, elaborada através de pesquisa bibliográfica, discográfica e por meio de entrevistas semiestruturadas coletadas junto aos músicos/professores que atuam ou atuaram nessas orquestras.

2.1) ORQUESTRA DE CORDAS DEDILHADAS DE PERNAMBUCO

A Orquestra de Cordas Dedilhadas de Pernambuco (OCDP), ou apenas “Dedilhadas” (Alves 2018), teve o seu início em 1980 e concluiu suas atividades artísticas no ano de 1990. A orquestra nasceu no espaço de aprendizagem do Conservatório Pernambucano de Música e foi composta por músicos, arranjadores e compositores, em sua grande maioria brasileiros. Sua primeira apresentação oficial veio ocorrer apenas há cerca de dois anos após a sua formação inicial, ou seja, em 1982. Nessa época, por ser constituído por um número reduzido de instrumentistas, o grupo era caracterizado apenas como “conjunto”, e se encontrava vinculado à Secretaria de Cultura do MEC. A partir de 1984, com a ampliação do número de instrumentos e instrumentistas é que o nome “Orquestra de Cordas Dedilhadas de Pernambuco” foi usado de modo exclusivo.

Essa orquestra foi fundada por Cussy de Almeida, compositor, regente e violinista formado pelo Conservatório Nacional de Música, em Paris. Nascido na cidade de Natal, no Rio Grande do Norte, Cussy de Almeida foi um dos principais responsáveis pela

produção musical do Movimento Armorial, que teve como um dos principais orientadores, Ariano Suassuna. Segundo a pesquisadora Alice Alves, sabemos que o movimento “[...] tinha como objetivo propor a construção de uma arte erudita com base nas raízes brasileiras com o intuito de preservar a originalidade da nossa cultura e combater a sua vulgarização com os estrangeirismos.” (Alves, 2018, p. 87). O movimento contou com diversos artistas pernambucanos, tendo, inclusive, o Maestro e compositor petropolitano Guerra-Peixe como um dos participantes. Segundo nos relata Alice Alves (2018), o Movimento Armorial representou a mais importante concepção artística que influenciou os músicos da Orquestra Dedilhadas de Pernambuco, dando forma aos seus arranjos e repertório. E Cussy de Almeida, fundador e diretor musical da OCDP, irá associar e resgatar as ideias musicais propostas pelo Movimento Armorial para essa nova orquestra em formação. Contudo, outras influências musicais se farão presentes na formação musical desse conjunto de cordofones nordestino, atendendo às experiências e formação de cada músico que compõe o grupo.

Alice Alves, em sua dissertação de mestrado, lista a formação da OCDP de acordo com os integrantes que participaram por mais tempo no conjunto:

Seus músicos, arranjadores e compositores, na formação por mais tempo consolidada e com maior circulação artística, foram: Henrique Annes (violão), João Lyra (viola), Adelmo Arcoverde (viola), Nilton Rangel (viola), Marco César (bandolim), Rossini Ferreira (bandolim), Ivanildo Maciel (bandolim), Mário Moraes Rêgo (cavaquinho), Marcos Silva Araújo (contrabaixo acústico), Geraldo Fernandes Leite (percussão) e Inaldo Gomes da Silva (conhecido pelo apelido Passarinho, também na percussão). (Alves, 2018, p. 15).

A OCDP foi fundada quase 50 anos após o início do Conservatório Pernambucano de Música. Atualmente, esse Conservatório ainda utiliza métodos que remetem a um ensino tradicional e formal da música. Entretanto, Alves nos afirma que, segundo a experiência do conservatório: “é possível perceber que o ensino de música popular é muito construído a partir da experiência dos alunos e dos professores, com as suas trocas de saberes, das vivências enquanto profissionais atuantes no mercado” (Alves, 2018, p. 31). Portanto, a forma de ensino-aprendizagem baseada na improvisação e na rearmonização foi importante para a construção da identidade sonora do grupo.

A Orquestra gravou dois produtos fonográficos completos, em formato de Long Play (LP). O primeiro dos LPs foi lançado em 1984 pelo projeto Nelson Ferreira e contou

com Maurício Carrilho como produtor artístico. Na mesma época, a Fundação Nacional de Arte, a FUNARTE, promoveu álbum de partituras que foi publicado com os arranjos respectivos do disco, intitulado como “Capiba 80 anos”. O LP foi fundamental para a popularização e projeção do conjunto em meio nacional. Já o segundo disco foi gravado apenas em 1987, sob o título “Cordas Dedilhadas”.

A Dedilhadas desempenhou outras manifestações culturais no meio musical, tendo gravado outros conteúdos enquanto intérprete principal ou como acompanhante. No decorrer de sua história, a OCDP incorporou ao repertório diversas obras compostas pelos próprios integrantes, além de outras composições realizadas por importantes músicos pernambucanos. Hoje podemos ter acesso a um grande acervo de obras e arranjos da OCDP preservados no Conservatório Pernambucano de Música.

Basicamente, podemos observar dois momentos distintos na história da Dedilhadas que incidiram na forma com que os arranjos eram estruturados. Em um primeiro momento os arranjos eram puramente decorados com base na percepção musical. Ou seja, cada músico decorava sua parte de um arranjo que era baseado na escuta e na prática dos ensaios. Não havia, nesse momento, partituras que pudessem guiar o conjunto. Já no segundo momento, houve o acréscimo de partituras em relação aos arranjos do grupo. Muitos desses arranjos são adaptações da formação da Orquestra Armorial de Câmara.

Alves em sua pesquisa detalha como os arranjos eram estruturados quando escritos:

A distribuição das vozes nos arranjos era muito organizada com o uso de técnicas em bloco para os instrumentos dos naipes, tanto para desenvolvimento melódico quanto harmônico e para produzir uma maior amplitude sonora com os instrumentos de cordas dedilhadas. Os bandolins e as violas faziam o jogo de perguntas e respostas segurando a melodia e os solos. Havia sempre uma ideia de organização de diálogo entre esses naipes. As violas eram solistas e faziam acentuações rítmicas que reforçavam o acompanhamento harmônico também. [...] Os naipes de bandolins e os naipes de violas eram os solistas com mais destaques nas Dedilhadas. Os três bandolins faziam uso de palhetas, o bandolim em si tem uma extensão sonora por vezes mais aguda que a viola. O naipe de violas fazendo uso de palhetas, em dinâmicas que exigiam mais destaque na melodia ou força, trazia um equilíbrio sonoro nas alturas sonoras com os bandolins. (Alvez, 2018. p. 75-76.)

Portanto, os arranjos em questão, ou pelo menos boa parte dos mesmos, retratam uma identidade nordestina muito clara em relação ao grupo e ao local ao qual eram

pertencentes. Ou seja, as músicas executadas performaticamente pelo grupo caracterizavam uma identidade cultural do mesmo. Mas, claro, o grupo não reproduzia unicamente peças de origem nordestinas. Houve adaptações em relação a outras músicas, como é o caso do Concerto para violão de Vivaldi.



Figura 1: Foto do Orquestra de Cordas Dedilhadas de Pernambuco. Fonte: <https://www.last.fm/music/Orquestra+de+Cordas+Dedilhadas+de+Pernambuco/+images/9d55f89ac4da4359a1ebdaab04e9030f>



Figura 2: Disco lançado em 1984 pela Funarte, produzido por Maurício Carrilho. Fonte: <https://www.acervoorigens.com/2011/09/orquestra-de-cordas-dedilhadas-de.html>

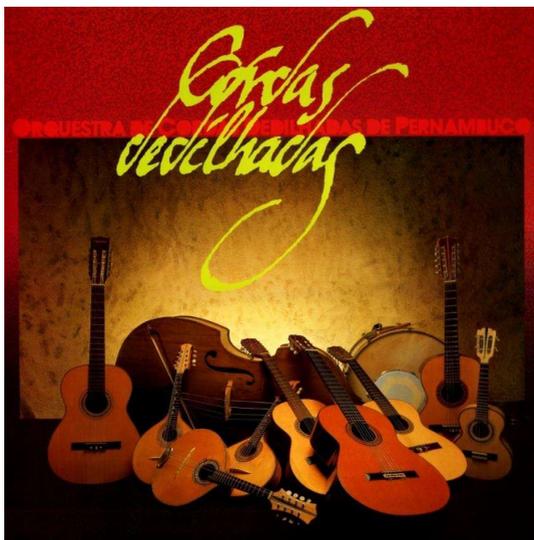


Figura 3: Capa do CD de 1989 da Orquestra de Cordas Dedilhadas de Pernambuco. Fonte: <https://www.violaobrasileiro.com.br/discografia/orquestra-de-cordas-dedilhadas-de-pernambuco-cordas-dedilhadas>

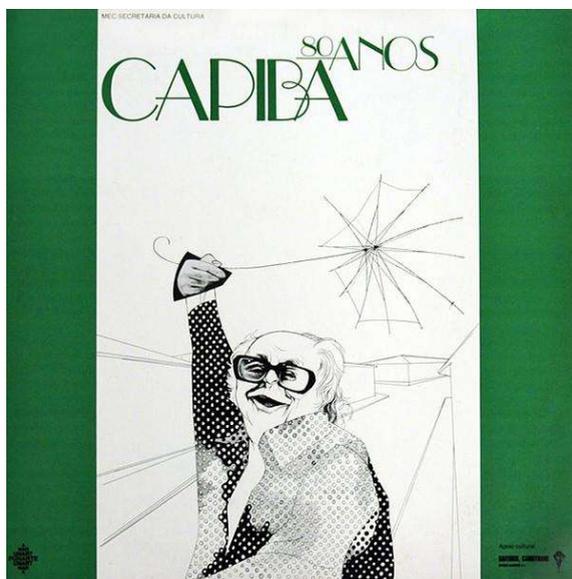


Figura 4: Capa do CD Capiba 80 Anos. Fonte: <https://www.discogs.com/release/7455529-Orquestra-De-Cordas-Dedilhadas-De-Pernambuco-Claudionor-Germano-Expedito-Baracho-Martha-Capiba-80-An/image/SW1hZ2U6NDA0NzYxNjU=>

2.2) ORQUESTRA DE CORDAS BRASILEIRAS

A Orquestra de Cordas Brasileiras (OCB) é um conjunto que contempla cordofones dedilhados juntamente com instrumentos percussivos e uma proposta performática semelhante à da Orquestra de Cordas Dedilhadas de Pernambuco no que diz respeito às apresentações. Através de uma oficina de choro promovida pelo RioArte, experiências puderam ser possibilitadas a fim de que muitos músicos pudessem adquiri-las. Em uma das diversas oficinas que existiram, diversos músicos, que posteriormente compuseram o conjunto orquestral, puderam se conhecer e compartilhar informações e conhecimento. Foi, portanto, através da iniciativa de Josimar Carneiro¹, que a orquestra passou a existir em 1987. Apesar de se tratar de uma orquestra de cordas dedilhadas, a OCB optou por não inserir a denominação “dedilhadas” em sua apresentação nominal.

O violonista Josimar Carneiro, foi integrante e fundador da OCB, e descreve, em uma entrevista concedida para a nossa pesquisa, algumas informações acerca da formação e da rotina de ensaios dessa orquestra. O professor Josimar relata que a OCB se constituiu a partir de um trio de violões formado por mais dois colegas, Marcelo Fortuna e Marcus Ferrer, que juntos denominavam-se “Conversa de Cordas”, em uma Oficina de Choro organizada pelo RioArte no Centro de Letras e Artes da Unirio em 1984, e afirma que esse foi o seu primeiro contato “mais forte” com a música, e que provavelmente o conduziu à vida profissional. Além disso, é importante ressaltar o caráter pedagógico dessa Oficina, que produziu de forma pioneira apostilas didáticas para o aprendizado de cordofones dedilhados – cavaquinho, bandolim e violão – com a aplicação voltada para a cultura musical do Choro e suas variantes, como a Polca e o Schottisch.

Após uma vontade pessoal do próprio instrumentista, Josimar Carneiro, de expandir o conjunto para um grupo de maior formação, foi proposto pelo mesmo a criação de uma “orquestra de choro”. Foi então, que em 1986, ano anterior à formação inicial da OCB, que Carneiro convida dois músicos professores do núcleo musical da Oficina de Choro do RioArte: o bandolinista Afonso Machado e o cavaquinista Henrique Cazes para

¹ Josimar Machado Gomes Carneiro é graduado, mestre e doutor pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Atualmente, Carneiro é professor de Prática em Conjunto e de Arranjo da UNIRIO. Além da Orquestra de Cordas Brasileira, também foi músico da Camerata Gama Filho e da Orquestra de Música Brasileira, e atualmente, também integra do conjunto Água de Moringa. Também trabalhou com outros grandes nomes da MPB não citados nesse trabalho, tais como: Eduardo Dussek, Elza Soares, Jair Rodrigues, Ney Matogrosso e Zé Renato.

compor o início do conjunto instrumental. A estreia ocorreu no Paço Imperial do Rio de Janeiro em 1987 com uma formação instrumental eclética e constituída inicialmente por 14 músicos:

[...] formada por 4 bandolins, [que] originalmente eram: Afonso Machado, Alexandre Nunes, Alexandre de La Peña e Rodrigo Lessa. Eram os 4 bandolinistas. Henrique Cazes e Jaime Vignoli de cavaquinho. Na primeira formação [tínhamos] Jaime Ernest Dias, Bartolomeu Wiese, hoje professor da UFRJ e eu [Josimar Carneiro] de violão. Eu [Josimar Carneiro] era 7 cordas e eles no violão de 6 [cordas]. Omar Cavalheiro de Contrabaixo. Beto Cazes e Oscar Bolão de percussão. 2 violas caipiras: [...] Marcus Ferrer e o Marcelo Fortuna. (Josimar Carneiro, entrevista concedida em 9 de outubro de 2023).

Essa descrição acima apresenta a formação inicial. Ao longo de sua existência, a OCB contou com o revezamento de outros músicos para a composição dos naipes. Com a saída de Marcelo Fortuna, que foi morar em Portugal, a orquestra passou a contar com o violonista Fábio Nin. Na família dos bandolins, entrou Marcílio Lopes no lugar de Alexandre Nunes. Na família dos violões, Jaime Ernest Dias deu lugar ao músico Paulo André, oriundo de Brasília. Luiz Flavio Alcofra entrou no grupo após a saída de Paulo André, permanecendo até o final da orquestra. O bandolinista Paulo Sá, professor de bandolim da UFRJ, também participou do conjunto, após a saída de Rodrigo Lessa. Na percussão, Oscar Bolão deu espaço ao músico percussionista André Boxexa. Outros músicos passaram pelo grupo como músicos substitutos eventuais, como o percussionista Rodolfo Cardoso e a violonista Maria Haro, professores aposentados do IVL (Instituto Villa-Lobos) da UNIRIO.

Durante 9 anos, o conjunto ensaiou em Laranjeiras, próximo ao Cosme Velho, no apartamento dos pais de Jayme Vignoli, o casal Paulo Vilela e Maria Helena. O pai de Vignoli era um artista plástico, que, segundo Carneiro, possuía uma casa “inspiradora” e um lugar “maravilhoso” devido às suas obras de artes. Durante esse tempo, os ensaios ocorriam sempre às sextas-feiras entre as 09 e 13 horas.

A Orquestra de Cordas Brasileiras possuía um repertório bem eclético, inserindo inclusive uma transcrição do Concerto de Brandemburgo 3 de Bach para cordas dedilhadas, além de composições autorais dos próprios integrantes. Ao mesmo tempo, o repertório abrigava arranjos de peças de piano adaptadas para a formação da orquestra ou também de arranjos originais. Além disso, muitos arranjos foram escritos pelos componentes, inclusive, por falta de material original. Ou seja, não existia, portanto, repertório original para aquela formação. Com isso, era produzido um repertório que

atendesse à instrumentação do conjunto, fossem tais obras transcrições ou arranjos originais. Isso, para Josimar Carneiro, foi uma oportunidade de se desenvolver não só como instrumentista, mas também como compositor e arranjador. Embora a orquestra tenha ajudado na formação dos músicos integrantes, a mesma não possuía caráter de formação, de ensino. Como já dito, a orquestra tinha um caráter performático, ou seja, os músicos inseridos no conjunto já possuíam formação necessária para a execução das peças na performance do grupo.

O repertório em si era decidido através discussões que aconteciam durante os ensaios do conjunto ou mesmo fora dele, em reuniões sociais ou em outros encontros musicais comuns à época, já os arranjos eram feitos de maneira individual pelos próprios arranjadores. Entre eles, temos: Afonso Machado, Marcus Ferrer, Josimar Carneiro, Marcilio Lopes, Jaime Ernest, Rodrigo Lessa, além de vários outros. A linha de organização do repertório era comum a todos os integrantes, que optavam por inserir obras que acreditavam ser viáveis e de relevante valor estético. Em alguns momentos, arranjos pontuais foram trabalhados para eventos ou produtos discográficos, como os arranjos compostos para uma homenagem ao músico Garoto, por exemplo. Um dos maiores desafios de compor para conjunto, segundo a perspectiva de Carneiro, era o de equilibrar os instrumentos de acordo com o timbre e as projeções que cada instrumento possui. Achar o equilíbrio para um conjunto era um tópico fundamental para uma boa composição/arranjo. Além disso, o conjunto tinha o costume de afinar seus respectivos instrumentos com a nota “lá” em 442Hz, pois as cordas possuíam um som mais “claro” quando tensionadas a esse nível. Muitas vezes, a afinação era feita com auxílio de afinadores eletrônicos, entrando em concordância com a orquestra, pouco variando, até mesmo por conta da qualidade dos instrumentos que os músicos possuíam. A afinação era, portanto, considerada estável, considerando a boa qualidade dos instrumentos.

Havia também uma hierarquização segundo a tessitura de cada instrumento, assim como uma orquestra de cordas tradicional, formada por violinos, violas, violoncelos e contrabaixos. Josimar Carneiro comenta sobre essa organização instrumental:

A gente se baseava um pouco na ideia de que bandolins estariam para violinos, assim como violas [caipiras] estariam para violas de arco, violões estariam para violoncelos e os contrabaixos, estariam naturalmente para contrabaixos. Tinha, então, essa hierarquização de registro, sendo que os cavaquinhos ora funcionavam com os bandolins, ora funcionavam com as violas e ora sozinhos como solistas. (Josimar Carneiro, entrevista concedida em 9 de outubro de 2023).

A OCB concorreu e ganhou o prêmio Sharp da Música Brasileira por duas vezes consecutivas. Na primeira vez, no ano de 1989, o grupo lançou o primeiro disco de vinil ainda gravado em sistema analógico em um estúdio denominado Hara, onde era localizada a gravadora Musidisc. Esse estúdio ficava localizado atrás da Sala Cecília Meireles no Centro do RJ na Rua Joaquim Silva. O disco da Orquestra de Cordas Brasileiras, que foi gravado separando a percussão do conjunto de cordas em espaços próximos dentro do estúdio, foi agraciado com o prêmio Sharp como melhor grupo de música instrumental de 1989. No ano seguinte, em 1990, o grupo gravou um novo disco com o acordeonista Chiquinho do Acordeom e com o violonista Rafael Rabello. Um dos lados do disco contava com a participação dos dois artistas (Suíte Retratos e Concerto para Acordeon e Cordas, de Radamés Gnattali), e no outro lado com músicas executadas exclusivamente pela OCB. Nesse disco, o Concerto para Acordeom e Orquestra de Radamés Gnattali foi interpretado a partir de uma transcrição elaborada por Josimar Carneiro.

O disco de 1989 possuía três faixas de um lado do disco: “Alvorada” de Jacob do Bandolim, “Congada” de Francisco Mignone e “Concerto de Brandenburgo N° 03” de J. S. Bach (este último, citado anteriormente). No outro lado do disco, havia seis faixas, sendo elas: “Remexendo” de Radamés Gnattali, “Sarau Pra Radamés” de Paulinho da Viola, “Garoa” com roteiro de Marcus Ferrer, “Só Depois de Elsebeth” de Rodrigo Lessa, “Sarambeque” de Ernesto Nazareth e “Santa Morena” de Jacob do Bandolim.

No disco de 1990 intitulado como “Retratos” havia mais oito faixas, sendo elas: Retrato de Pixinguinha; Retrato de Ernesto Nazareth; Retrato de Anacleto de Medeiros; Retrato de Chiquinha Gonzaga; Amargura com Alberto Ribeiro/Radamés Gnattali; Concerto Para Acordeon e Cordas: Allegro, Adágio e Com Espírito (Prenda Minha).

Outras experiências musicais foram relatadas por Josimar Carneiro. Segundo esse professor, os integrantes da orquestra percorreram um grande circuito de salas de concerto e teatros pela cidade do Rio de Janeiro. Além disso, chegaram a viajar para as cidades históricas de Minas Gerais, como Tiradentes, São João del Rey e Ouro Preto. Participaram ainda de um festival em São Paulo chamado “Chorando Alto”, idealizado por Helton Altman e com direção musical de Maurício Carrilho. Nesse evento, apresentaram uma homenagem ao multi-instrumentista Garoto, músico e compositor brasileiro de grande influência para o choro. A OCB colaborou ainda em um projeto com o pianista e maestro

Wagner Tiso, com a proposta de um trabalho camerístico. Esse repertório foi gravado ao vivo pelo Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB). Outros solistas convidados também fizeram parte da história da orquestra, tais como: Rafael Rabelo, Chiquinho do Acordeon, Paulo Moura e Carlos Malta. Além disso, a OCB participou de um Festival de Música na cidade de Londrina apresentando concertos didáticos. Participaram também da TVE no Rio de Janeiro tocando “Santa Morena”, arranjado por Henrique Cazes em uma reportagem a respeito de Jacob do Bandolim, conduzido por Fernando Lobo.

A orquestra em questão não chegou a completar uma década de existência. O conjunto de cordofones surgiu como uma consequência da valorização da arte musical executada pela orquestra de cordofones dedilhados a partir da década de 1970. Foi na mesma época que surgiram também outros grupos como a Camerata Carioca e o Galo Preto. É importante ressaltar que a OCB passa a existir posteriormente aos grupos citados por último. Para Josimar Carneiro uma das coisas mais interessantes feitas pelo grupo foi o fato de incluírem o choro na música de câmara juntando a tradição com as experiências pessoais dos integrantes. Em 1996 seus trabalhos se encerram com a consciência de terem contribuído na popularização do choro e dos específicos instrumentos e na disseminação da cultura.



Figura 5: Foto da Orquestra de Cordas Brasileiras. Fonte: Acervo pessoal de Josimar Machado Gomes Carneiro.



Figura 6: Capa do CD da Orquestra de Cordas Brasileiras de 1989. Fonte: <https://discografia.discosdobrasil.com.br/discos/orquestra-de-cordas-brasileiras>



Figura 7: Capa do CD da Orquestra de Cordas Brasileiras de 1990 - Retratos. Fonte: <https://discografia.discosdobrasil.com.br/discos/radames-gnattali-retratos>

Orquestra de Cordas lança LP

Eles até brincam dizendo que, pelo fato de serem 14, o número de tias, namoradas, amantes, futuras sogras e amigos seria o suficiente para fazer a idéia dar certo. Brincadeira ou não, a tal idéia acabou dando certo mesmo. A prensagem do primeiro disco da Orquestra de Cordas Brasileiras — que chega às lojas nos primeiros dias de maio e será oficialmente lançado no dia 12, com um show na Sala Cecília Meirelles — foi financiada pelos próprios compradores do vinil. Isso mesmo: durante o mês de abril, os 14 membros da Orquestra venderam o disco antes de ele ir para as lojas. Por Cr\$ 500, cada comprador recebeu um certificado de aquisição antecipada, que lhe dá direito a uma cópia do LP tão logo saia a primeira fornada.

Formada em novembro de 1987, a Orquestra iria lançar o seu disco de estreia no final de março, pela Kuarup, mas, antes mesmo do Plano Collor, a gravadora já tinha adiado o lançamento para maio. Com a decretação das medidas econômicas do Governo, o lançamento ficou inviabilizado (todos os lançamentos da Kuarup estão suspensos). A solução, então, foi apelar para os amigos.

E os amigos da Orquestra mostram que são mesmo para essas coisas. Os rapazes venderam quase 180 cupons, o que garantiu a prensagem do disco e a impressão da capa. O LP está saindo com uma tiragem ini-



Os 14 rapazes venderam 180 cupons, o que garantiu a prensagem do disco

cial de mil exemplares, 800 dos quais vão para as lojas.

As novas medidas econômicas implicaram no cancelamento do contrato que a Orquestra tinha com a empresa White Martins para realizar uma turnê por dez capitais. Todo o empenho do conjunto está agora centrado na divulgação do disco. Dedicado a Radamés Gnatalli, o vinil sintetiza as propostas de trabalho dessa brasileiríssima Orquestra, formada por quatro bandolins, dois cavaqui-

nhos, duas violas caipiras, três violões, um baixo e vários instrumentos de percussão.

Pioneiras propostas, diga-se. Uma delas é justamente tocar compositores clássicos com instrumentos brasileiros, como o cavaquinho. Outra é tocar peças de compositores eruditos da música brasileira sem o ranço da erudição europeia. Cabem também nestas inovações, interpretações de choros brasileiros com uma linguagem de câmara. (Mauro Ferreira)

Figura 8: Anúncio de 180 cupons na pré-venda do LP de 1989. Fonte: Acervo pessoal de Josimar Machado Gomes Carneiro.

CERTIFICADO DE AQUISIÇÃO ANTECIPADA	
Certificamos que <u>Wilson Gomes Carneiro</u>	
adquiriu antecipadamente <u>01</u> (- um -) discos da	
ORQUESTRA DE CORDAS BRASILEIRAS	
devendo recebê-lo(s) prioritariamente, logo que a primeira tiragem estiver pronta.	
Rio de Janeiro, <u>04</u> de abril de 1990	
<u>Josimar Machado Gomes Carneiro</u> Orquestra de Cordas Brasileiras	<u>Mauro Ferreira</u> Kuarup Discos

Figura 9: Certificação de aquisição antecipada para o LP de 1990. Fonte: Acervo pessoal de Josimar Machado Gomes Carneiro.

O GLOBO
RIO SHOW



■ A Orquestra de Cordas Brasileiras apresenta-se hoje, às 17h30m, no Parque da Catacumba, dentro do projeto "Rioarte Instrumental". A entrada é franca e o repertório inclui músicas populares e eruditas

Figura 10: Anúncio do jornal O Globo da apresentação no Parque Catacumba, na Lagoa em 10 de setembro de 1989. Fonte: Acervo pessoal de Josimar Machado Gomes Carneiro.

Terça-feira, 25 de fevereiro de 1992

O GLOBO

Orquestra de Cordas faz apresentação no CCBB

A última atração da série semanal "Viola Brasil", promovida desde janeiro pelo Centro Cultural Banco do Brasil, traz a original e premiada Orquestra de Cordas Brasileiras, que presta uma homenagem ao compositor Baden Powell. As sessões acontecem hoje, às 19h30m e 18h30m, no Teatro II.

Imagine uma orquestra de câmara com suíte, substitua os austeros violinos por bandolins e cavaquinhos, as graves violas por suas homônimas (e harmônicas) caipiras, os redondos cellos pelos violões de seis e sete cordas, mantenha o contrabaixo na base e adicione percussão a gosto. Pronto: aí está a Orquestra de Cordas Brasileiras.

Dirigida por Henrique Cazes, a OCB surgiu em 1987 com a proposta pioneira de fazer música de câmara com sonoridade e sotaque brasileiros, aliando a técnica apurada à malícia do estilo popular. E deu certo. Nesses quatro anos, seus 14 músicos gravaram dois discos, "Orquestra de Cordas Brasileiras" e "Retratos" — com Chiquinho do Acordeão e Rafael Rabello —, tiveram destaque em outro, "Piazzolando", e ganharam dois prêmios Sharp, de melhor disco e melhor grupo instrumental. Os três LPs fo-

ram lançados pela gravadora Kuarup.

O repertório, cada vez mais eclético, combina Heitor Villa-Lobos, Paulinho da Viola com Guerra Peixe, Bach com Astor Piazzola, Ernesto Nazareth com Francisco Mignone, além de composições de seus integrantes, e de seu inspirador, Radamés Gnattali — que sempre dizia que, "se Bach e Beethoven ti-

vessem conhecido a formação regional brasileira, teriam escrito para ela".

A orquestra é formada por Afonso Machado (bandolim spalla), Rodrigo Lessa, Marcílio Lopes e Alexandre de La Peña (bandolins), Henrique Cazes e Jayme Vignoli (cavaquinhos), Marcus Ferrer e Marcelo Fortuna (violas caipira), Bartolomeu Wiese e Luiz Flávio Alcôfora (violões), Josimar Gomes Carneiro (violão 7 cordas), Omar Cavalheiro (baixo), Oscar Bolão e Beto Cazes (percussões).

A direção artística da apresentação de hoje, com ingressos a Cr\$ 2.500, é de Mírio de Azeite. O Centro Cultural Banco do Brasil fica na Rua Primeiro de Março 66, próximo à Praça Quinze. Informações pelo telefone 216-0237.



Com 14 músicos, a orquestra investe na música de câmara

Figura 11: Anúncio da Orquestra de Cordas Brasileiras no CCBB pelo jornal O Globo em 25 de fevereiro de 1992. Fonte: Acervo pessoal de Josimar Machado Gomes Carneiro.

2.3) ORQUESTRA DE CORDAS DEDILHADAS DA UNIRIO

A orquestra de Cordas Dedilhadas da UNIRIO, diferente das duas orquestras citadas anteriormente, não possui necessariamente um caráter performático. Portanto, a mesma possui natureza educativa. Por consequência, o conjunto é composto pelo corpo docente e também pelo corpo discente em relação à instituição de ensino. Isso, claro, não se torna uma regra *sine qua non* para existência da orquestra, pois, instrumentistas exteriores à comunidade universitária podem vir a agregar ao grupo quando preciso. A participação de músicos externos ocorre devido ao fato da orquestra nem sempre estar completa, em função de impossibilidades de horário dos alunos. Em média, o estudante universitário pode ficar até 2 anos no conjunto de cordofones dedilhados por cordas das matérias disciplinares que deve cursar. Almir Cortes, professor do departamento de Educação Musical da UNIRIO, especula que os alunos passam em média de 2 a 5 períodos na orquestra.

A Orquestra de Cordas da UNIRIO pode inclusive, vir a ser fruto de uma inspiração das *estudantinas*, tradição que possui a mesma formação instrumental por cordofones dedilhados presente na América Latina, além de também, possuir inspiração nos grupos de cordas dedilhadas presentes no território nacional, como é o caso dos dois conjuntos de cordas dedilhadas: a Orquestra de Cordas Dedilhadas de Pernambuco e a Orquestra de Cordas Brasileiras que influenciaram, inclusive, na formação dos professores responsáveis sobre a orquestra universitária enquanto instrumentistas. A orquestra possui o objetivo de explorar a riqueza de timbres de forma acústica a fim de proporcionar a devida experiência acadêmica aos alunos universitários.

Fundada em 2012 pelo professor Roberto Gnatalli, a orquestra foi idealizada com a finalidade de contemplar os instrumentos de cordas dedilhadas, já que havia dificuldade de prática em conjunto com demais instrumentos. Ou seja, muitas vezes até por conta da projeção de cada instrumento, ficava difícil os cordofones atuarem ao lado de instrumentos da família dos metais, por exemplo. Existe, ainda, na UNIRIO, uma Orquestra de Música Popular que tem a possibilidade de abrigar todos os instrumentos e seus instrumentistas, porém, a Orquestra de Cordas Dedilhadas surge como uma proposta de abrigar todos os instrumentos dedilhados e que em sua grande maioria são acústicos.

Na verdade, quando entrei na UNIRIO em 2009, eu comecei a trabalhar junto com o Roberto Gnatalli na orquestra de música brasileiras que ele tinha. [...] Acho importante salientar que a UNIRIO é umas das pioneiras no Brasil [...] na implementação de um curso de música popular brasileira. E o Roberto

Gnatalli foi a pessoa que idealizou essa história e trouxe um conhecimento de música popular para a universidade que era algo que faltava muito. Por exemplo, quando eu comecei a tocar bandolim, eu não tinha lugar na universidade. O bandolim não era aceito na universidade. Não tinha graduação em bandolim. (Pedro Aragão, entrevista concedida em 10 de novembro de 2023).

Como já dito, a idealização da orquestra foi feita pelo professor Roberto Gnatalli, tendo como primeiro condutor o professor Pedro Aragão. Posteriormente, o professor Almir Cortes, que me possibilitou a entrevista para o colhimento das informações acerca da orquestra, veio a integrar o conjunto ao ser convidado após sua posse em 2016 para ser um dos responsáveis pelo conjunto trazendo consigo suas experiências com a viola caipira.

Portanto, essa orquestra possui uma formação instrumental composta por: bandolins, cavaquinhos, violas caipiras, 2 naipes de violões de 6 cordas, violões de 7 cordas, contrabaixos acústicos ou baixolão e eventualmente naipes de percussão. Outras participações especiais já vieram a contemplar o conjunto como: flautas, violino, clarinete, etc. É possível sempre agregar outros instrumentos de acordo com a possibilidade dos arranjos, os quais, muitos são feitos por alunos do curso de Arranjo e MPB da UNIRIO. Essa proposta possibilita também que a orquestra funcione como um projeto de extensão dentro das propostas educacionais de ensino de música em uma orquestra de cordas dedilhadas de acordo com outras formas de atuação que não apenas a de interpretação prática das obras. Alunos do curso de Arranjo e MPB já utilizaram a orquestra com uma função de intérpretes para executarem peças compostas por eles, como parte da pesquisa do trabalho de conclusão de curso. Portanto, tanto o professor Pedro Aragão, quanto o professor Almir Cortes concordam com o termo “laboratório” em relação à orquestra enquanto um espaço de experimentos e aprendizado para os alunos da instituição de ensino universitária.

Inicialmente, a orquestra surgiu como uma disciplina de Prática de Orquestra que por consequência, possuía 4 horas de ensaios semanais centrados em apenas um dia. Com o passar do tempo, os horários foram sendo ajustados a fim de ajudar os alunos no remanejamento de horários de cada um, pois muitos alunos estavam disponíveis apenas metade da carga horária que era proposta, ou seja, 2 horas. Portanto, hoje em dia, os alunos podem se inscrever tanto na disciplina Música de Câmara (MDC) ou em Prática em Conjunto (PC), o que possibilita que os ensaios tenham 2 horas de duração. A orquestra ensaia às quintas-feiras no turno vespertino de 15:00 às 17:00. Ademais, ensaios

de naipes são possíveis para que haja um melhor esclarecimento e compreensão das músicas a serem tocadas. Com isso, uma percepção coletiva do que acontece na música também é desenvolvida, a partir do momento em que os estudantes estão mais conscientes de suas partes.

De modo particular, a orquestra conta com músicos que possuem uma formação musical prévia, sendo que muitos já são atuantes no mercado musical. No entanto, um dos principais desafios enfrentados logo no início foi o de transformar e adaptar a proposta de uma orquestra de cordas dedilhadas para um ambiente didático. Além disso, boa parte desses estudantes não possui a prática de leitura, o que faz com que a orquestra funcione como ambiente onde esses alunos possam aprimorar essa prática e ajude a ampliar as possibilidades de atuações nos trabalhos a serem desenvolvidos, como as gravações, por exemplo, além de ganhar proficiência em seus respectivos instrumentos, tanto de modo melódico, quanto de modo harmônico. Com isso, a prática de leitura é sempre incentivada dentro da orquestra. Áudios e partituras são disponibilizados em uma pasta no Google Drive para que os alunos possam praticar as músicas que irão compor o repertório semestral.

O repertório da orquestra muitas vezes é formado, segundo Cortes, por músicas nacionais que contemplam diversos gêneros musicais, como: choro, forró, baião, frevo, roda de samba, canções populares e canções da MPB de forma geral. Arranjos para gêneros latino-americanos também já foram trabalhados, como: tango, temas de jazz, músicas colombianas, etc. Além disso, os arranjos são fornecidos não só pelos alunos do curso de Arranjo e MPB, como também pelos próprios professores, o que por sua vez, acaba por contribuir para um acervo amplo de músicas possíveis a serem trabalhadas, além de abrir também, possibilidades de atuação para pessoas de outros cursos, como é o caso de Licenciatura em Música.

Cortes explica também a forma com que os arranjos são pensados para a respectiva formação:

O que é mais comum, digamos, de se pensar, é de pegarmos os instrumentos mais agudos para tocar a melodia. Então você vai ter na maior parte do tempo bandolins, cavaquinhos e/ou violas, que estão no “meio do caminho” (referindo-se à tessitura dos instrumentos), tocam melodia e o restantes dos outros instrumentos distribuídos nas outras funções (acompanhamento, contracanto). O baixo, geralmente na função do contrabaixo mesmo. (Almir Cortes, entrevista concedida em 31 de outubro de 2023).

Além disso, Almir Cortes nos diz que há a possibilidade também de combinar timbres e recursos. Portanto, existem combinações de naipes interessantes para essa formação como: bandolins e violões, cavaquinhos e violões ou violas. Outra possibilidade é a de transferir a melodia que muitas vezes é interpretada por instrumentos de tessitura mais aguda para ou instrumentos de tessitura mais grave. Uma vez que isso é possível, os bandolins e cavaquinhos podem fazer os contracantos ou acompanhamento. Para isso, alguns outros recursos podem ser utilizados e explorados como a questão dos trêmulos, a fim de sustentarem a duração das notas, uma vez que os instrumentos não possuem a determinadas características como violinos e violoncelos, por exemplo. Além disso, os naipes de instrumentos podem ser divididos de acordo com diferentes níveis de dificuldade a fim de contemplar todos os estudantes segundo o nível técnico de cada um.

Os instrumentos são de propriedade pessoal dos alunos. Porém, a UNIRIO dispõe de alguns instrumentos como violão de 6 cordas, de 7 cordas, contrabaixo e percussão que eventualmente podem ser cedidos para que os alunos possam participar das atividades acadêmicas em caso de esquecimento ou quaisquer eventuais situações que os impossibilitem de levar seus instrumentos à universidade. Além disso, alguns instrumentos não possuem a qualidade ideal que colabore com uma boa afinação, o que acaba também dificultando a projeção do conjunto. Os violões, sendo instrumentos de pouca projeção, muitas vezes são pouco percebidos em relação aos demais instrumentos. A qualidade do som também pode ser afetada de acordo com a condição e estado das cordas. Isso acaba criando a necessidade de que haja mais violões na orquestra a fim de equilibrar a projeção do conteúdo sonoro. Além disso, instrumentos mais agudos, como cavaquinho e bandolins, são instrumentos que podem acabar afetando o consenso de equilíbrio.

Muitos dos conteúdos de registro da Orquestra de Cordas Dedilhadas da UNIRIO estão disponíveis atualmente na plataforma de vídeos do Youtube, os quais, muitos foram produzidos durante a pandemia da COVID-19. Além disso, há registros de apresentações como as que ocorreram na Casa do Choro e no Centro Cultural da Justiça Federal. No entanto, o grupo tem maior frequência em se apresentar durante a semana de Mostra de Atividades Pedagógicas e Artísticas, a MAPA, que acontece todo final de semestre dentro da respectiva instituição de ensino.



Figura 12: Orquestra de Cordas Dedilhadas da UNIRIO em apresentação a Casa do Choro. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=KP3Y9tXOLq4>.



Figura 13: Captura do vídeo produzido durante a pandemia em 2020 tocando Escovado de Ernesto Nazareth. Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=wdPUQc751w8>.

3) ORQUESTRA DE CORDAS DEDILHADAS CLAUDIONOR CRUZ DO CEFET/RJ

A Orquestra de Cordas Dedilhadas Claudionor Cruz, assim como a Orquestra de Cordas Dedilhadas da UNIRIO, possui caráter educativo. Além de programar apresentações musicais, a Orquestra Claudionor Cruz atua com a proposta educativa de promover o ensino da música a pessoas que não possuem formação musical, tanto no campo teórico quanto no campo prático. Por se tratar de um projeto de extensão na área de cultura, os integrantes da Orquestra Claudionor Cruz constituem um grupo musical eclético, composto por músicos convidados que possuem formação musical e por estudantes que manifestam interesse na aprendizagem de algum instrumento musical dentro das instalações da UnED (unidade de ensino descentralizada) Maria da Graça do CEFET/RJ. A participação dos alunos, portanto, se faz essencial nas aulas e nos ensaios, bem como nas apresentações artísticas do conjunto. Ademais, as atividades didáticas desenvolvidas pela orquestra, em sua grande maioria, foram planejadas especificamente para os alunos que não possuem conhecimento teórico ou prático.



Figura 14: Orquestra de Cordas Dedilhadas Claudionor Cruz do CEFET/RJ. Fonte: Acervo da Orquestra Claudionor

A orquestra de cordofones homenageia em sua denominação o compositor e instrumentista de choro Claudionor José da Cruz, que muito contribuiu com o choro, o

samba, a marcha carnavalesca e o samba-canção, entre outros gêneros, durante a sua jornada artística. Nascido em Minas Gerais, na cidade de Paraibuna em 1º de abril de 1910, o mesmo começou a aprender a tocar com seu próprio pai. Iniciou sua vida artística com o cavaquinho e passou a tocar violão posteriormente. Aos 17 anos de idade já atuava como músico no Circo Dudu na Praça da Bandeira, no Rio de Janeiro. A partir dessa época, passou a trabalhar nas rádios cariocas, como a Rádio Nacional, a Rádio Globo, a Rádio Tupi e a Rádio Municipal, formando um Conjunto Regional que por mais de 30 anos levou o seu nome: o Regional do Claudionor Cruz. Como compositor e intérprete, Claudionor teve forte influência no cenário musical brasileiro a partir da década de 1930, e compôs seu primeiro sucesso que foi gravado em 1935, o samba-canção “Tocador de violão”. As suas parcerias musicais são variadas e contam com nomes ilustres da música brasileira, como Carlos Galhardo, Cyro Monteiro, Dircinha Batista, Francisco Alvez, Gilberto Alvez, Nelson Gonçalves, Orlando Silva, entre outros artistas, com destaque para o compositor Pedro Caetano, com o qual compôs diversos sucessos: “Caprichos do Destino” (1938), “Sei Que é Covardia... Mas” (1939), “Eu Brinco” (1944), “Nova Ilusão” (1952), e outros mais. Muitas de suas canções que fizeram sucesso entre as décadas de 1930 e 1960 continuam sendo regravadas até os dias atuais por artistas consagrados da música brasileira, como Elis Regina, Paulinho da Viola, Zélia Duncan, Maria Betânia, entre outros.

O prof. Alberto Boscarino nos comenta sobre o que motivou a escolha do nome do compositor que representa a Orquestra Claudionor Cruz de Maria da Graça:

[...] achei adequado homenagear o Claudionor com o projeto que estávamos formando. O Claudionor Cruz foi um dos grandes compositores e instrumentistas da música brasileira. Autor de vários sucessos gravados por grandes sambistas, era parceiro habitual do letrista Pedro Caetano e tocava vários cordofones, como o cavaquinho, o bandolim, o violão e o violão tenor, talvez o seu instrumento predileto. O mestre Claudionor era uma pessoa generosa e ensinava música gratuitamente a jovens alunos em sua casa no bairro da Abolição, formando uma roda de choro nos finais de semana com fins didáticos. Particpei de alguns desses encontros, e pude testemunhar isso. Depois, reencontrei vários músicos que também tinham participado das rodas do Claudionor, como a amiga e flautista Lélia Brazil, que integrou um grupo só de mulheres organizado pelo Claudionor denominado “As Brasileirinhas”, e isso em uma época em que as mulheres não atuavam nas rodas (de choro ou de samba), pois se tratava de um espaço predominantemente masculino. Por isso, foi provavelmente pelo “conjunto da obra” que optei em batizar o nosso trabalho com o nome do grande músico Claudionor Cruz, que deve sempre ser lembrado por sua contribuição à música brasileira. (Alberto Boscarino, entrevista concedida em 27 de novembro de 2023).

Assim como o exposto na introdução deste trabalho, a Orquestra de Cordas Dedilhadas Claudionor Cruz surge como um Projeto de Extensão que teve seu início em 2016 no CEFET/RJ *campus* Maria da Graça com a iniciativa dos professores Alberto Boscarino Junior e Luciano Melo Dias e hoje conta com o apoio de um aluno bolsista que exerce a função de arregimentador. Esse aluno possui a responsabilidade da manutenção e troca de cordas dos instrumentos musicais; afinação dos cordofones antes dos ensaios; arquivo, impressão, conservação e distribuição das partituras aos estudantes e demais integrantes para estudos individuais; convocação para os ensaios; sonorização dos ambientes de apresentação e ensaio, com supervisão de estantes de partitura, mesas de som, iluminação, cabos e microfones; elaboração de banco de dados com as informações de cada integrante (formação musical, instrumento escolhido, endereço, telefone, etc); elaboração de cartazes e material de divulgação dos eventos nas redes sociais.

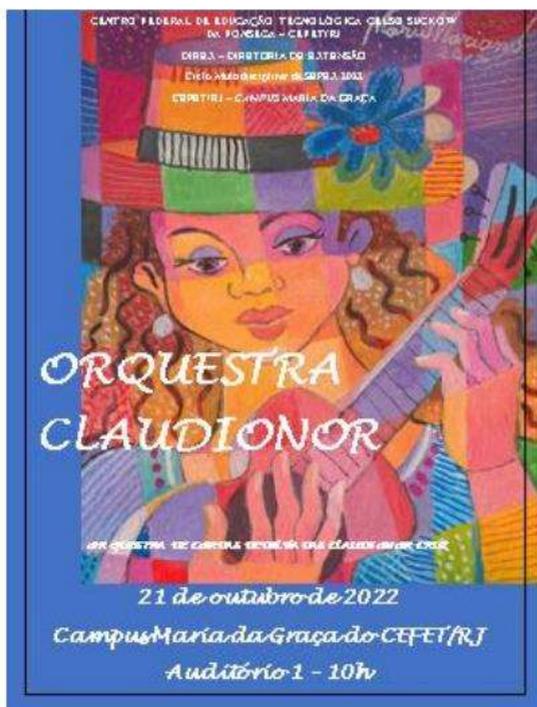


Figura 15: Cartaz da apresentação da Orquestra de Cordas Dedilhadas Claudionor Cruz na Semana de Exposição de 2022. Fonte: Acervo da Orquestra Claudionor.



Figura 16: Cartaz da apresentação da Orquestra de Cordas Dedilhadas Claudionor Cruz na Semana de Exposição de 2023. Fonte: Acervo da Orquestra Claudionor.

O professor de Literatura Inglesa da UnED Maria da Graça do CEFET/RJ, Dr. Lesliê Mulico, é um dos integrantes do projeto. Ele possui formação musical em jazz, improvisação e harmonia funcional pela Musiarte, e integrou da primeira turma de Bacharelado em Música Popular Brasileira (MPB) da UNIRIO, tendo aulas de violão com o prof. Luiz Otávio Braga. O prof. Lesliê enumera as principais características que acredita serem importante para os alunos dentro do projeto:

- 1) Senso de pertencimento a uma grupo que compartilha do gosto pela música, e automaticamente, pertencimento à escola;
- 2) Concentração e foco no instrumento e no conjunto, cuja habilidade se estende para os estudos nas demais disciplinas que, igualmente, precisam de foco e concentração;
- 3) Compromisso de estudar o repertório e entregar o melhor possível na execução;
- 4) Orgulho de se apresentar na frente de colegas e familiares, que se transforma em amor pela escola;
- 5) Possibilidade de ir além do que é ensinado nas aulas de Artes, [componente] previsto nas grades curriculares dos cursos técnicos integrados oferecidos;
- 6) Ampliação de repertório, fazendo o estudante valorizar não somente a produção da indústria cultural, mas também o compositor nacional que, muitas vezes, mora/morou no mesmo bairro que o

estudante. (Lesliê Mulico, entrevista concedida em 24 de novembro de 2023).

O prof. Lesliê Mulico participa da orquestra tocando violão de 7 cordas e ressalta que o projeto da orquestra pode fomentar nos estudantes o desenvolvimento do senso de equipe e auxiliar na concentração em várias disciplinas, além de permitir que os discentes desenvolvam uma forma de contato com o professor de Artes (ou professores de outras áreas) que extrapola os domínios habituais na relação existente entre professor e aluno dentro da sala de aula.

Desde o seu início em 2016, o projeto de extensão se manteve ativo até os dias atuais, inclusive durante os dois anos de pandemia, quando as atividades aconteceram de maneira remota por meio de vídeo-aulas e encontros síncronos e assíncronos. Além disso, essa proposta educacional abrange integrantes diversos em sua composição orquestral, admitindo músicos do corpo discente, do corpo docente, do quadro de servidores administrativos e de pessoas da comunidade externa, visando, portanto, a integração de toda comunidade escolar através de uma atividade cultural que valoriza o estudo e a compreensão de diversas culturas musicais, com ênfase na música brasileira. Essa proposta de convidar a comunidade externa corresponde ao que foi descrito nos objetivos da Orquestra de Cordas Dedilhadas da UNIRIO, pois os projetos de extensão das universidades federais brasileiras necessitam, por sua natureza, estarem abertos e em sintonia com os vários segmentos sociais existentes em seu entorno.

A Orquestra Claudionor Cruz já contou com instrumentos como o violino, o clarinete, a flauta, o saxofone, entre outros. Portanto, a visão pedagógica leva em consideração a prática em conjunto de modo com que os estudantes atuem no conjunto instrumental. Essa prática é essencial para o objetivo central da orquestra: musicalizar qualquer aluno que tenha interesse em participar do projeto de extensão.

As atividades da orquestra são desenvolvidas a partir do início de cada ano letivo, e são estruturadas em diversas etapas entre a admissão dos integrantes e os concertos musicais. A partir da divulgação do projeto para os alunos calouros no primeiro dia de aula, os coordenadores do projeto estabelecem um período para as inscrições e posteriormente classificam os músicos de acordo com o seu instrumento de interesse. Após essa classificação, são programados os primeiros encontros formativos (práticos e teóricos) de instrumentistas de cordofones e percussionistas, além da elaboração dos arranjos e a definição do repertório. Esse processo pode durar em média de 3 a 4 meses.

Somente após esse primeiro momento, quando os estudantes e músicos novatos são iniciados na práxis musical e ambientados nas atividades da prática de conjunto, é que acontece a convocatória dos antigos integrantes para os primeiros ensaios. Ainda durante esses primeiros meses, os alunos antigos participam do mesmo espaço de ensino-aprendizagem dos alunos iniciantes, trocando informações, e atuando muitas vezes como instrutores para a prática musical (execução de acordes, digitação, postura da mão direita, conduções rítmicas, etc). É programado que esses encontros ocorram antes das férias do meio do ano, geralmente a partir do mês de junho. Os alunos e músicos mais experientes, que participaram em edições anteriores do projeto, são considerados como o núcleo-base da orquestra. Esse núcleo-base é formado com a convocação dos antigos participantes e depois são inseridos os novos alunos. Além disso, ressaltamos que, embora essa prática de ensino-aprendizagem tenha foco nos alunos que estão matriculados a partir do primeiro ano do ensino médio-integrado, o convite também é estendido aos alunos dos cursos subsequentes e alunos da graduação, uma vez que o projeto é aberto a toda comunidade escolar, inclusive aos alunos da Escola Estadual Horácio Macedo, que divide o espaço físico do *campus* com o CEFET Maria da Graça. No momento da inscrição no projeto, que é feito por e-mail, os interessados relatam quais experiências possuem com a música e qual instrumento pretende desenvolver/executar na orquestra. No ano letivo de 2023, o projeto começou com cerca de 38 alunos que iniciaram a formação prática e teórica nas atividades oferecidas no decorrer do ano. No entanto, hoje o projeto conta com cerca de 12 alunos que permaneceram ao longo do ano, e com apenas 5 alunos ligados à prática de cordofones musicais. Isso demonstra a existência de uma evasão que pode ser compreendida pela intensa dinâmica escolar a que o aluno é submetido, pois chega a cursar 18 disciplinas (técnicas e propedêuticas) no decorrer do ano letivo. Conforme se aproxima o final do ano, muitos alunos se comprometem com os projetos que podem ser voltados para a formação técnica ou mesmo de outras áreas, ao tempo que precisam se aplicar e obter um desempenho mais árduo nas disciplinas escolares.

Atualmente, a orquestra está sob orientação do professor Dr. Alberto Boscarino Junior, músico instrumentista, arranjador do grupo “É do Que Há” e integrante do Duo Boscarino, com quem faz parceria com seu filho, Rafael Boscarino. Nascido em 1964 no Rio de Janeiro, Boscarino é doutor, mestre e licenciado em música pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. Foi aluno de Voltaire Muniz, Jorge Simas, Dino 7 Cordas, Miguel Angel Gutierrez, Rafael Chaves (Madrid, Espanha) e Ian

Guest. Além disso, atuou em grupos como Chorando de Barriga Cheia, Goiabada Cascão, Quinteto Típico Brasileiro (Espanha) e do Duo de Violões com Marcelo Fortuna (Lisboa, Portugal). Nos dias atuais, Alberto Boscarino concentra suas atividades como docente de Artes na UnED Maria da Graça do CEFET/RJ, onde também coordena o Projeto de Extensão da Orquestra Claudionor, orienta Projetos de Pesquisa e atua na gestão escolar.

Entre os anos de 2016 e 2019, a Orquestra Claudionor Cruz conseguiu manter frequência nos ensaios e nas apresentações que eram realizadas durante a programação da Semana de Extensão das instituições federais, planejadas geralmente para o mês de outubro. A Orquestra participou também de duas edições dos Encontros Internacionais de Cordofones promovidos pela UFRJ. No ano de 2018, a Orquestra realizou uma apresentação no II Encontro Internacional de Cordofones da UFRJ com a seguinte formação: Luciano Melo Dias (professor de Artes da Uned Maria da Graça) e Marcos Carvalho (autor desta pesquisa) no Bandolim; Julio Pará e Alberto Boscarino no Cavaquinho/Viola Caipira; Matheus (aluno Horácio de Macedo), na Guitarra Elétrica; Leonardo Vezula, Rafael Boscarino (Cefet Maracanã), Gilberto Gil (professor de Matemática da Uned Maria da Graça), Francisco (aluno Horácio de Macedo), Bernardo (aluno Horácio de Macedo), Dayane (CEFET) e Acaê (CEFET) no violão, Guilherme Vargas (Psicólogo da Secretaria de Apoio Pedagógico) no pandeiro, Moisés (aluno Horácio de Macedo) na percussão e Guilherme (CEFET) no contrabaixo elétrico.



Figura 17: Orquestra de Cordas Dedilhadas Claudionor Cruz do CEFET/RJ. II Encontro Internacional de Cordofones da UFRJ em 2018. Fonte: Arquivo pessoal do autor.



Figura 18: Apresentação da Orquestra Claudionor Cruz na SEPEX 2018 no dia 16 de outubro de 2018 no auditório 1. Fonte: Arquivo pessoal do autor.

No entanto, essa formação instrumental não é fixa, podendo os naipes serem modificados de acordo com o interesse e a disponibilidade dos alunos/integrantes. Entretanto, esse conjunto musical dispõe de uma diversidade instrumental básica necessária para a formação de uma orquestra de cordas dedilhadas, contando com músicos treinados para a execução de cordofones como: bandolim, cavaquinho, violão de seis cordas, violão de sete cordas, contrabaixo elétrico, guitarra, violão-tenor, viola caipira, além de instrumentos de percussão como *cajons*, pandeiros, tamborins, tantans e bateria.

Durante a pandemia, ou seja, do início do ano letivo que era para ter início em março de 2020 até o final do ano de 2021, a Orquestra Claudionor Cruz teve suas atividades reduzidas e limitadas por conta da pandemia causada pela COVID-19 que ocasionou a suspensão das aulas de modo presencial nas instituições de ensino de todo país. Porém, as atividades da Orquestra não foram suspensas e funcionaram por educação a distância de modo síncrono e assíncrono. Com isso, o conjunto conseguiu realizar gravações que foram postadas na plataforma de vídeos do Youtube. Em 2020 a orquestra gravou “Esse Choro é Meu Pranto” do compositor patrono do grupo, Claudionor Cruz, e, em 2021, a Orquestra optou por um dos choros de Waldir Azevedo, intitulado “Flor do Cerrado”. Para a realização de tais ações, foi necessário agregar ao conjunto alunos já formados pela instituição e que participaram da orquestra em edições anteriores, como o

ex-aluno Júlio Pará, egresso do curso técnico-integrado de automação industrial e formado em 2019, ano anterior à pandemia.



Figura 19: Captura do vídeo da SEPEX 2020. Este Choro é Meu Pranto (Claudionor Cruz). Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=KMAJk8d_zjo



Figura 20: Captura do vídeo da SEPEX 2021. Flor do Cerrado (Waldir Azevedo). Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=Nlv3Siu0D2o>.

Os registros foram gravados com uma metodologia específica dada a situação que o isolamento social causou. O vídeo do ano de 2021 foi feito com base na experiência obtida nas gravações de 2020. Portanto, foi montado um passo a passo do procedimento a ser desenvolvido para que fosse possível a gravação da música escolhida. O professor

Luciano Melo ficou responsável pela produção de dois vídeos que foram disponibilizados para o conjunto musical através de um link, enviado através do grupo de WhatsApp da orquestra. O primeiro deles era de conteúdo didático, e orientava aos alunos/integrantes na forma de gravar os vídeos individuais, para posterior mixagem e sincronização de sons e imagens. O segundo vídeo apresentava uma base musical (guia) de harmonia, melodia e ritmos a serem executados. Para a gravação dos vídeos, foi orientado aos estudantes que gravassem sua apresentação utilizando o aparelho celular na posição horizontal, em um lugar silencioso e bem iluminado. Os alunos também ouviam a gravação da música como áudio-guia no fone de ouvido ao mesmo tempo que gravavam sua parte pelo celular. Embora a gravação não tenha sido considerada perfeita (problemas de afinação, iluminação, volume, etc), o resultado esperado foi alcançado. De acordo com o professor Alberto Boscarino, sabemos que

Apesar de algumas imperfeições decorrentes da afinação de alguns instrumentos, o resultado do trabalho correspondeu ao planejado, sobretudo, em função de uma significativa participação quantitativa e qualitativa dos alunos. (Alberto Boscarino, entrevista concedida em 15 de outubro de 2023).

A Orquestra Claudionor Cruz manteve os seus ensaios regulares durante os anos de 2022 e 2023, com apresentações regulares na Uned Maria da Graça durante a Semana de Extensão.

No ano de 2023, percussionistas do projeto se apresentaram em uma atividade escolar da Escola Estadual Horácio Macedo. A apresentação foi realizada durante o tempo vago dos instrumentistas. Bruno Curvelo, aluno do curso de técnico de Manutenção Automotiva que participa atualmente do projeto destaca que aquela experiência foi muito interessante de ter sido realizada. Apresentaram gêneros musicais como: samba-reggae, maracatu, samba-cabula, ijexá. Curvelo também destaca o compromisso, seriedade e companheirismo do professor Alberto Boscarino com o projeto e com os alunos de forma geral. Além disso, Bruno, juntamente com outros amigos, afirma que já participou do show de talentos da unidade Maria da Graça exercendo a função de músico.

A proposta de ensino desenvolvida por Boscarino se utiliza de instrumentos musicais (cordofones e percussão) que possuem baixo custo no mercado para estudantes iniciantes, facilitando uma possível aquisição destes instrumentos pelo discente. São instrumentos com melhores custos-benefícios e que, portanto, podem facilitar a

democratização do ensino musical. Além disso, a própria instituição de ensino do CEFET possui alguns instrumentos que ficam disponíveis para que os alunos possam estudar, e, em alguns casos, serem retirados por empréstimo para estudo residencial. Muitos desses instrumentos, são, inclusive, instrumentos de propriedade de alguns dos professores, como o professor Gilberto Gil, o professor Luciano Melo Dias, já citados anteriormente, além de, claro, do professor Alberto Boscarino. A unidade do *campus* Maria da Graça possui uma sala de música em suas instalações onde ficam armazenados os instrumentos musicais. Lá, ficam disponíveis violões, cavaquinhos, um bandolim, duas violas caipiras, baixo, instrumentos de percussão (pandeiro, tantan, surdos, bateria), entre outros, para que os alunos possam estudar e aprimorar seus conhecimentos práticos.

Como já dito, os alunos ingressantes muitas vezes (e em sua grande maioria) não possuem o conhecimento musical teórico ou prático, ou seja, não possuem conhecimento prévio de leitura rítmica ou de altura na notação pautaada. Portanto, são adotadas distintas etapas de ensino para que os alunos possam manipular os seus instrumentos de escolha, iniciar a prática de conjunto e atuar na orquestra. A primeira delas é voltada para o ensino prático e técnico dos instrumentos para os alunos que não possuem nível técnico básico para a realização das músicas. Para isso, desde os primeiros encontros os professores utilizam uma partitura convencional para que os alunos se acostumem com alguns símbolos empregados na notação musical tradicional, e assim possam acompanhar os arranjos propostos e entender a dinâmica dos ensaios de acordo com o desenvolvimento dos estudos teóricos e práticos. Nessas partituras, que são separadas por barras de compasso, é possível visualizar cifras, dinâmicas, breques e repetições.

Além do mais, são disponibilizados horários de apoio em grupo ou de modo individual com os professores ou com o aluno monitor. Algumas aulas teóricas são oferecidas para que os alunos tenham o suporte necessário para a leitura musical tradicional e para a execução harmônica. Para isso, é ofertado um curso de extensão de teoria musical com ênfase na leitura melódica e rítmica pela a plataforma de comunicação “Microsoft Teams”. O exercício da leitura rítmica é feito através do estudo do “Método Prince: Leitura e Percepção – Ritmo”, Volumes 1 e 2, de Adamo Prince. Esse curso acontece em um total de oito encontros assíncronos. De acordo com o avanço dos alunos, a leitura na partitura passa a ser exercitada através de Songbooks variados disponíveis na sala de Artes.

3.1) OS ENSAIOS

Após todo período introdutório e preparatório dos estudantes, os ensaios ocorrem dentro da sala de música. Sala esta, que possui além dos instrumentos já citados, outros equipamentos necessários para a realização das aulas, como: mesa de som, amplificadores, projetor, computador, quadro, etc. A sala fica localizada ao lado do refeitório escolar da Escola Estadual Horácio Macedo, que divide espaço em um prédio comum ao CEFET Uned Maria da Graça, como já dito. Além disso, as instalações dessa instituição dispõem de um auditório, no qual, os encontros ocorrem eventualmente conforme as atividades se aproximam da semana de exposição

É importante ressaltar que os alunos possuem uma formação musical muitas vezes informal de acordo com o conteúdo do dia a dia de cada integrante. Ou seja, devem ser levadas em consideração as vivências de cada estudante no que diz respeito ao aprendizado que adquiriram com seus amigos e familiares, caracterizando assim um processo de ensino-aprendizagem amplo, que considera o saber trazido pelo aluno. Há, portanto, alguns alunos que já chegam às instalações do CEFET com certo grau técnico-instrumental desenvolvido por experiências individuais, como, por exemplo, aqueles que desenvolvem certas funções musicais presentes em suas práticas religiosas. Boscarino afirma que apenas algo em torno de 10% dos alunos possuem uma formação informal que garantem o desenvolvimento básico nos instrumentos.

Bruno Curvelo, que hoje em dia realiza a função de Ogã² nos encontros religiosos que participa, destaca:

A maioria cresceu tocando. [...] Pelo menos a gente cresceu na roda de samba, a gente cresceu dentro da macumba. Então já é um “negócio” que é costume. [...] Eu pego aquele pandeiro de 12 polegadas e fico o dia inteiro tocando sem cansar. Fora do CEFET, eu cresci no meio disso. Meu pai não toca nenhum instrumento de harmonia, toca só de percussão. Meu tio e meu primo também são percussionistas. [...] meu avô tocava violão de 6 e de 7 cordas, tocava cavaquinho. Acho que são os únicos que tocam harmonia, além de mim, por parte de pai. Por parte de mãe tenho mais gente que toca na harmonia do que gente que toca na percussão. Por parte de mãe acho que só quem toca percussão é meu tio e meu primo. De resto é violão, cavaco, teclado, flauta. [...] (Bruno

² A palavra “Ogã” é oriunda do Yorubá e tem diversos significados, tais como: Senhor da Minha Casa, Chefe e Pessoa Superior. O Ogã no candomblé é um cargo atribuído à uma função masculina, concedido àqueles que são iniciados e não entram em transe. Eles são responsáveis por diversas funções dentro do terreiro. Dentre eles, existem os Ogãs que são responsáveis pelo ambiente sonoro, os Alabês. Os mesmos são responsáveis por cantar e tocar para que as divindades se manifestem, dancem ou se retirem, durante os ritos e celebrações.

Curvelo, entrevista concedida em 24 de novembro de 2023).

Ademais, a formação complementar musical de discentes, servidores e demais músicos interessados é realizada em classes regulares coletivas presenciais e online (leitura musical, leitura rítmica, teoria em geral) e individuais (técnica instrumental), com encontros semanais programados para todo o ano letivo. Esses encontros ocorrem às sextas-feiras no turno da manhã e no turno da tarde. Isso nos leva a perceber um problema de logística para o horário de ensaio, já que é preciso entender a complexidade e dificuldade de conseguir achar um horário em comum para que todos os alunos possam participar. Isso se deve ao fato de que a instituição de ensino dispõe de diversas turmas com a modalidade de ensino com o ensino médio integrado ao ensino técnico, que possuem horários de turno divergentes e disciplinas específicas do técnico que dificultam a lógica e administração no que diz respeito à finalidade de encontrar um horário que seja adequado a todos. Por essa razão, são disponibilizados dois horários em turno distintos (matutino e vespertino) para acolher a todos.

Durante os ensaios, quando há músicas novas ou então é necessário a escuta da música para alinhar a prática e as convenções musicais, o professor reproduz em sala os arranjos a serem tocados a fim de orientar os estudantes através da escuta em como a música deve ser tocada, quais são as convenções, repetições e saltos da melodia. Portanto, são disponibilizados aos alunos, além das partituras, arquivos de áudio em midi ou gravações digitais em prol de facilitar o estudo individual de cada aluno.



Figura 21: Aulas Práticas e Ensaio da Orquestra Claudionor Cruz com a utilização de Songbook. Fonte: Arquivo pessoal do autor.



Figura 22: Ensaio para a apresentação para SEPEX 2023. Fonte: Arquivo pessoal do autor.

Com isso, é possível afirmar que é inegável que os ensaios são uma parte fundamental no desenvolvimento do projeto, pois são essenciais para o desenvolvimento musical não só dos alunos, mas também de toda comunidade escolar participante da orquestra.

3.2) O REPERTÓRIO

O repertório utilizado, como já dito, é organizado e planejado em diálogo com o corpo discente da unidade. Como parte da proposta de ensino é valorizar a cultura nacional, o repertório da Orquestra Claudionor Cruz se dedica à interpretação de obras de renomados compositores brasileiros. A contextualização da proposta do repertório traz um dado desconhecido para os alunos: que as obras musicais interpretadas pertencem a compositores oriundos de bairros característicos do subúrbio carioca, onde foi difundida parte da identidade cultural da música popular brasileira, como o choro e o samba. Por sua vez, a ideia é, em parte, ressaltar para os integrantes da orquestra que esses compositores famosos residem ou residiam na mesma localidade de moradia daqueles alunos. Essa proposta manifesta um juízo de resistência cultural/musical, na qual se faz

importante o conhecimento histórico e cultural do próprio local onde nascemos e moramos.

ESSE CHORO É MEU PRANTO

rr: Alberto Boscarino Claudionor Cruz

Violão Tenor

Cavaquinho

Viola

Guitarra

Violão 1

Violão 2

Baixo

Percussão

G B7/F# Em G7/D C E7/B Am Am/G

Figura 23: Exemplo do arranjo do choro “Esse Choro é meu Pranto”, de Claudionor Cruz. Primeira página. Fonte: Arquivo pessoal do autor.

No entanto, embora haja uma ênfase no repertório da música brasileira, a orquestra também realiza a execução de músicas contextualizadas na cultura latino-americana e conta com outros compositores para compor outros estilos universais da música, como o compositor Astor Piazzolla, de origem argentina e os compositores Pérez Prado e Leo Brower, de origem cubana.

Além disso, o repertório é organizado a partir de arranjos disponíveis no mercado editorial, de cópias cedidas ou arranjos escritos para a Orquestra por seus integrantes e

colaboradores. O prof. Alberto Boscarino promove adaptações nos arranjos de acordo com a dificuldade de cada integrante da orquestra, podendo simplificar acordes e melodia a fim de acolher todos na formação instrumental. Portanto, o exercício da leitura da notação convencional também é realizado no processo de ensino-aprendizagem na pedagogia desenvolvida na orquestra. Isso diz respeito tanto à aprendizagem e prática da leitura na notação da pauta musical, quanto em cifragem alfanumérica em caso de uma partitura de base.

Durante o período que antecedeu a pandemia, o repertório trabalhado era composto pelas obras: “Flor do Cerrado”, “Carioquinha”, “Delicado” e “Chiquita” do compositor Waldir Azevedo; “Proezas de Solon” de Pixinguinha; “Esse Choro É Meu Pranto” e “Nova Ilusão”, de Claudionor Cruz; “Forró Sem Nome” e “Saudoso Jacaré” do Mestre Siqueira; entre outros compositores brasileiros. Aliás, na apresentação do II Encontro Internacional de Cordofones da UFRJ, também constava no repertório o choro “Dia do Preto Velho”, de Claudionor Cruz, além das demais músicas já citadas.

O repertório proposto para o ano de 2023 contou também com arranjos de Radamés Gnatalli, como “Carinhoso”, choro de Pixinguinha” e “Batuque” de Henrique Alves de Mesquita; “Libertango” de Astor Piazzolla; “Proezas de Solon” choro de Pixinguinha; “Saudoso Jacaré”, jongo de Siqueira; “Chiquita”, valsa de Waldir Azevedo; “Peneirando” baião de Joel Nascimento, e o choro “A Moçada do Samba” do bandolinista Tico-Tico. Nesse repertório citado, foi possível trabalhar gêneros como o choro, a valsa, o baião e o jongo.

Os alunos do ensino médio integrado do CEFET/RJ Maria da Graça, possuem a disciplina de Artes em sua grade curricular nos dois primeiros anos letivos, onde são ministrados paralelamente ao projeto de extensão da Orquestra Claudionor Cruz fundamentos da história da música e de seus parâmetros musicais, além de exercícios práticos de percussão e canto. O professor Alberto Boscarino afirma:

Cabe ressaltar que, durante as aulas regulares da disciplina de Artes, todos os alunos do ensino médio integrado têm acesso aos princípios da história da música, considerando a música de concerto, a música popular brasileira e outros gêneros musicais, como o rock, o rap, o fado e o tango, por exemplo. Seguindo um planejamento didático, iniciamos as aulas com a contextualização e a apreciação musical eurocêntrica, para que os alunos possam perceber, posteriormente, a diversidade de ritmos e melodias existentes nas músicas brasileiras e latino-americanas. A fruição dessas músicas permite aos alunos entenderem que parte de obras do cancionário brasileiro é composta

por artistas com origem social semelhante a deles, em geral, pessoas de origem simples, mas que são referência na arte musical. (Alberto Boscarino, entrevista concedida em 14 de setembro de 2023).



Figura 24: Apresentação da Orquestra Claudionor Cruz na comemoração dos 10 anos do *campus* Maria da Graça no dia 09 de junho de 2016 na quadra esportiva. Fonte: Arquivo pessoal de Alberto Boscarino.



Figura 25: Foto do conjunto após a apresentação na SEPEX 2023. Fonte: Arquivo pessoal do autor.

4) DISCUSSÃO

A proposta educativa através da orquestra é algo comum nos países europeus, como Portugal e Espanha, por exemplo. Essa estrutura instrumental edifica um trabalho de conhecimento cultural que, muitas das vezes, diz respeito à própria cultura em que o indivíduo está incluso. Educar, portanto, o estudante com a respectiva proposta é ir além de apenas passar conhecimentos práticos e teóricos adiante. Ajuda o indivíduo a ter uma formação mais ampla e completa, pois o mesmo passa a ter conhecimento da própria cultura em que está inserido sendo participante do próprio aprendizado, além de aproveitar e dar a devida importância ao conhecimento que o aluno possui às suas experiências cotidianas. Isso, claro, pode não apenas formar o aluno, como também pode trabalhar questões sobre as possíveis realizações pessoais de cada estudante.

Portanto, inserir no processo de ensino-aprendizagem as experiências pessoais, pode acabar por contribuir para a construção do conhecimento, fugindo de conhecimentos pré-determinados, no qual o aluno muitas vezes precisa admitir como sendo o “único” ou o mais “válido”. Foge das questões opressoras que Freire (1968) aponta em “Pedagogia do Oprimido”. O aluno passa, portanto, a construir o conhecimento necessário participando da construção do mesmo ao explorar suas práticas e desafios encontrados na orquestra, levando em consideração as experiências que já possui. Lesliê Mulico aponta que a orquestra “também oportuniza o estudante a conviver com outros professores de forma diferente a que somente durante as aulas, e assim a enxergá-lo como ser humano” (Mulico, 2023).

Portanto, se torna essencial o processo de conscientização da cultura em que os alunos estão inseridos, que nesse caso, está correlacionado às diversas culturas brasileiras, porém, de modo mais específico, está voltada para a cultura suburbana carioca. Essa proposta faz com que os alunos conheçam músicos e compositores oriundos dos mesmos locais em que os respectivos estudantes residem. Faz também que os mesmos entendam que muitas vezes sofrem/sofreram processos de aprendizado musicais similares a esses artistas que muitas vezes corresponde a uma educação não formal. Lucy Green vai apontar logo no início do texto “Pesquisa de base: como músicos populares aprendem” que:

As formas exatas pelas quais os músicos populares adquirem suas habilidades e conhecimentos variam entre diferentes subestilos de música popular, diferentes contextos sociais e culturais e de um aprendiz para outro – mais precisamente por causa da falta geral de sistematização formal que envolve tal

aprendizado. (Green, 2008, p. 5. Tradução de Claudia Helena Alvarenga).

Green também destaca que as práticas informais de ensino ainda são bastante comuns no processo de aprendizagem de vários músicos, principalmente no ambiente da música popular. Essa perspectiva, é, portanto, aplicável a uma grande parcela dos estudantes que chegam com um conhecimento musical prévio na Orquestra Claudionor. Lucy Green também aponta que:

Os músicos populares também tendem a adquirir habilidades e conhecimentos musicais, em primeiro lugar, por meio do encultramento e da experimentação com a música com a qual estão familiarizados, do que gostam e do que ouvem ao redor e acerca deles. Isso envolve a experimentação precoce com um instrumento ou a voz, e descobrir que sons diferentes eles podem fazer por meio de tentativa e erro, antes de encadear sons juntos em ritmos, harmonias e frases musicais embrionárias. (Green, 2008, p. 6. Tradução de Claudia Helena Alvarenga).

Green complementa dizendo que grande parte dos músicos aprendem de modo solitário, por conta da ausência de exemplos a serem imitados em relação à adultos em função de “mestre”, e que, portanto, podem acabar aprendendo através de troca de experiência com colegas que compartilham da mesma comunidade, que muitas das vezes, são jovens. Isso faz com que o processo informal de ensino não necessariamente tenha uma figura de “autoridade, especialista ou membro mais velho da família ou comunidade” (Green, 2008, p. 6).

Bruno Curvelo, aluno do projeto de extensão, nos conta como se deu seu contato com a música e seus aprendizados que vão ao encontro a uma formação não formal, coerente ao que foi apontado: “Por conta de ter crescido no meio disso [no ambiente musical familiar], eu via eles [parentes] tocando, e sempre tive curiosidade. [...] Batia na perna, no chão, na mesa, onde estive, eu estava tocando. [...]” (Curvelo, 2023). O estudante relata também que as únicas coisas que aprendeu com alguém da família foi com seu avô e foram apenas dois ritmos básicos no pandeiro e no tantan. Também nos conta que desde pequeno recebia presentes em forma de instrumentos musicais infantis, como, pandeiros e pequenos violões. Boa parte do seu contato com experiência musical vem por meio da observação de seus familiares e colegas que compartilham a mesma fé religiosa em centro religiosos, em escola de samba, etc. O mesmo não se adequou aos ensinamentos de música particular de modo formal que experimentou ao longo de sua vida.

Bruno Curvelo acaba por relatar o que Lucy Green descreve por “escuta intencional”, ou seja, ouvir “com o objetivo consciente de adotar e adaptar o que é ouvido às práticas próprias de cada um” (Green, 2008, p. 7). Copiar gravações se tornou uma atividade de modo solitário, no quesito do estudo na prática instrumental, muito comum entre músicos populares. Curvelo relata, portanto, que muitos dos acordes que aprendeu no teclado e no cavaquinho foi por meio de estudos individuais. Inclusive, aprende cavaquinho dentro do projeto e seu avanço na prática é acompanhado pelo professor durante as aulas da orquestra. Já de modo grupal, bandas de nível inicial, no qual os músicos não possuem muita prática ou conhecimento, podem, segundo Green, serem formadas com base, em boa parte dos casos, na amizade, de forma com que o aprendizado seja feito também por modo observacional. A autora chega a afirmar que “As escolas são uma instituição social vital para a formação de bandas” (Green, 2008, p. 7). João Luiz, também aluno do projeto que cresceu com familiares músicos, relata que seu grupo de amigos gostaria de montar um grupo musical para tocarem em roda de samba ou em outros lugares de forma a atuarem profissionalmente no futuro.

O projeto de extensão da Orquestra de Cordas Dedilhadas Claudionor Cruz passa por uma proposta de transição da educação informal ou não formal para uma educação formal. Tendo em vista que o ensino formal é remetido a uma ideia que muitas vezes diz respeito à escola, à regularização do ensino, ao ensino padronizado, enquanto o ensino não formal, ou informal é visto como uma ideia daquilo que é aprendido fora do ambiente escolar. Ou seja, que é aprendido de acordo com as experiências do cotidiano e da cultura de cada indivíduo, de forma não oficial ou padronizada (Arroyo, 2000). Boscarino vai ao encontro com o que Arroyo (2000) propõe em relação ao transitar entre o “formal” e o “informal”, entre o institucional e o cotidiano.

Com isso, a escola não pode ser considerada o único espaço de aprendizado possível, especialmente, nesse caso, quando envolvemos a arte musical. O indivíduo que cresce inserido em práticas musicais por conta da cultura que pertence aprende de diversas formas. Portanto, “a escola seria apenas uma das práticas da educação, e o ensino e a aprendizagem (musical) não estariam restritos somente ao que ocorre dentro da sala de aula ou da instituição escolar” (Wille, 2005, p. 41). No entanto, como é na escola que normalmente recebemos uma educação formalizada, é nela que iremos, portanto, trabalhar conceitos mais teóricos e métodos que ajudem no desenvolvimento da prática, que, nesse caso, diz respeito à instrumentação utilizada. A Orquestra de Cordas

Dedilhadas Claudionor Cruz propõe um ensino em que o aluno não se desfaz de seus conhecimentos previamente adquiridos e os amplia, segundo os métodos citados anteriormente.

5) CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa buscou entender o processo de ensino-aprendizagem musical em um projeto de extensão oferecido em uma instituição de ensino federal com o ensino médio integrado a um ensino técnico. Os cursos oferecidos na instituição são: Automação Industrial, Manutenção Automotiva e Segurança do Trabalho. Entender, portanto, a complexidade que se dá pelos diferentes contextos sociais de cada aluno e pelo objetivo que cada estudante possui dentro do Centro de Educação Tecnológica são desafios que cercam a educação musical no ambiente educacional. Embora os alunos tenham a disciplina de Artes em sua grade curricular, em boa parte do tempo não há a prática instrumental ou ensino teórico-musical durante as aulas. Assim, surge a Orquestra de Cordas Dedilhadas Claudionor Cruz, com a proposta de musicalizar a auxiliar qualquer estudante que tenha interesse em desenvolver os seus conhecimentos musicais.

A pesquisa buscou também expor a motivação pessoal do pesquisador de relatar o projeto e a importância que o mesmo possui. Através da história de outras orquestras de cordofones dedilhados, é possível correlacionar a importância cultural/social ao visar colocar em evidência a música popular brasileira na prática educacional tanto para quem ouve quanto para quem a estuda/interpreta. Para isso, o relato de experiência cita além da história do projeto, o relato de experiência segundo os integrante e ex-integrantes da orquestra, repertório utilizado, a forma dos ensaios e as apresentações realizadas, além de relatar a forma que o projeto se adequou à situação pandêmica no decorrer dos anos de 2020 à 2021, antes da volta presencial dos estudos.

Faz-se importante relatar também formas alternativas de ensino que sugerem uma prática em conjunto com diferentes instrumentos, ainda mais quando esses podem ser trabalhados de maneira harmônica e melódica, além de trabalhar quesitos puramente rítmicos. Juntamente com a educação histórica das obras, o projeto acaba por contribuir para uma formação mais ampla e completa do estudante, além de contribuir com a ação de fazer com que o aluno seja participante do próprio processo de aprendizagem e estimular a conscientização sobre a busca pelo conhecimento de modo independente. Isso, claro, mantendo a devida importância sobre as experiências individuais que

contribuíram e contribuem para a construção do indivíduo enquanto ser social.

Por fim, esperamos que a pesquisa possa contribuir para a ampliação de possíveis ideias para o ensino da música em escolas de acordo com a experiência da proposta e dos resultados que a Orquestra de Cordas Dedilhadas Claudionor Cruz obteve. A proposta tem como ponto central o aluno e suas experiências segundo familiares, amigos, entre outros que o cercam socialmente. Esperamos que através dessa proposta o ensino de música possa ser ampliado de forma relevante, independentemente do nível educacional (ensino fundamental, ensino médio, graduação, etc.).

6) REFERÊNCIAS

ALVES, Alice Emanuele da Silva. A Construção da Sonoridade da Orquestra de Cordas Dedilhadas de Pernambuco Através das Memórias e Vivências de Seus Músicos. *In: XXVIII Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música*, 28. 2018, Manaus. **Anais**.

ALVES, Alice Emanuele da Silva. **Música, identidades culturais e categorias estéticas: a Orquestra de Cordas Dedilhadas de Pernambuco, 1984-87**. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Música, Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco. Pernambuco, p. 168. 2018.

ARROYO, Margarete. Transitando Entre o “Formal” e o “Informal”: Um Relato Sobre A Formação de Educadores Musicais. *In: Simpósio Paranaense de Educação*, 7., 2000, Londrina. **Anais**.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 79. ed. rev. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021. 256 p.

GREEN, Lucy. Music, informal learning and the school: a new classroom pedagogy. England and USA: Ashgate, 2008. p. 5-9. Trad. Claudia Helena Alvarenga. Tradução para uso escolar.

ORQUESTRA DE CORDAS BRASILEIRAS. Orquestra de Cordas Brasileiras. Rio de Janeiro: Estúdio Hara: 1989. 33min.

ORQUESTRA DE CORDAS BRASILEIRAS. Retratos: Rio de Janeiro: Master Studios: 1990. 39min.

WILLE, Regiana Blank. Educação Musical Formal, Não Formal ou Informal: Um Estudo Sobre Processos de Ensino e Aprendizagem Musical de Adolescentes. **Revista da ABEM**. Porto Alegre, nº 13, p. 39-48, setembro, 2005.

7) ANEXOS

Tabela 1: Perguntas pré-determinadas para a realização da entrevista com o professor Alberto Boscarino Junior.

1) Quando a Orquestra Claudionor Cruz de formou, e com que objetivo?
2) Qual a formação instrumental básica da Orquestra Claudionor, e como os alunos/integrantes são admitidos?
3) Como é realizada a formação complementar técnica e teórica dos integrantes?
4) E os ensaios, quando acontecem?
5) Quem coordena os trabalhos da Orquestra?
6) Como são organizados os arranjos da Orquestra?
7) Existe alguma pessoa encarregada em dar apoio ao trabalho da Orquestra
8) Qual o repertório comum da Orquestra Claudionor?
9) Qual o perfil do aluno ingressante?
10) Qual a metodologia de ensino-aprendizagem adotada para esse Projeto?
11) Quantas apresentações/atividades musicais a Orquestra Claudionor Cruz já realizou?
12) A Orquestra Claudionor Cruz conta com instrumentos musicais para cessão aos alunos?
13) Existem trabalhos similares ao da Orquestra Claudionor?

Tabela 2: Perguntas pré-determinadas para a realização da entrevista com o professor Lesliê Vieira Molico.

1) Qual a sua experiência com a música?
2) No que ela (sua experiência lhe ajudou para cooperar com o projeto?
3) O que a orquestra oferece em quesitos educacionais que você acha importante para os alunos? E para o cenário educacional brasileiro?
4) No que você acha que a orquestra ajuda na formação dos alunos?

Tabela 3: Perguntas pré-determinadas para a realização da entrevista com o professor Almir Cortes, Pedro Aragão e Josimar Carneiro.

Uma Breve História da Orquestra:
1) Como foi a criação e o início da orquestra?
2) Quando a orquestra foi fundada?
3) Qual a proposta da mesma?
4) Quem era os integrantes iniciais do conjunto? Qual a formação instrumental?
Uma Breve Etnografia da Orquestra:
5) Como acontecia o processo de escolha do repertório, dos arranjos?
6) Como eram feitos os ensaios?
7) Qual a opinião sobre a formação de cordas dedilhadas e quais são os desafios de escrever arranjos para esta formação?
8) A cerca da afinação dos instrumentos, quais são as dificuldades e as

facilidades de escrever e ensaiar os arranjos?
9) Como ela foi/é estruturada? (Quem a constitui? Quantas são as pessoas participantes?)
10) Qual é a formação instrumental?
11) Quais são as realizações da orquestra? (gravações, apresentações)
12) Se possível, dê um relato individual sobre sua participação na orquestra.

Tabela 4: Perguntas pré-determinadas para a realização da entrevista com os alunos participantes do projeto.

1) Qual a sua experiência com a música?
2) No que sua experiência musical fora do CEFET/RJ lhe ajudou na orquestra?
3) O que você acha importante sobre a orquestra?
4) No que a participação na orquestra contribuiu para a sua formação instrumental? E pessoal?
5) Qual a importância das apresentações para você?
6) Qual a sua opinião acerca dos compositores e arranjos que compõe o repertório?
7) Quais são as coisas que vocês sentem mais dificuldades? E facilidades?

Lembrando que essas entrevistas são de padrão semiestruturado, ou seja, não necessariamente houve a utilização das perguntas de modo puramente canônico. Portanto, houveram modificações segundo a necessidade de cada entrevista.

Partitura 1: Chiquita. Valsa de Waldir Azevedo. Folha 1.

CASA do CHORO

Chiquita

Valsa

Waldir Azevedo

$J = 220$

© Copyright 1952 by EDITORA MUSICAL BRASILEIRA LTDA - Rio de Janeiro - Brasil -
 Todos os direitos autorais, execução, tradução e arranjos reservados para todos os países -
 ALL RIGHTS RESERVED

E.M.B.-64

Partitura 2: Chiquita. Valsa de Waldir Azevedo. Folha 2.

CASA do CHORO

Am E7 Am

A

E7 Bm E7 Bm

E7 A E7 A

A⁷ D

D A Bm

E7 A

Do

E.M.B. - 682

Partitura 3: Saudoso Jacaré. Jongo de Siqueira. Folha 1.

Saudoso Jacaré
Jongo Siqueira

♩ = 100
2x Unidos

3 C G G7 C

6 G D7 G F7

9 C D♭ A7

12 Dm F G7 Em Am

15 Dm G7 Gm C7 F G7

18 Em Am D7 G7 C C

22 Cm Ab G7 Ab D7

Partitura 4: Saudoso Jacaré. Jongo de Siqueira. Folha 2.

Saudoso Jacaré - 2

25 D7 C7 Fm

31 D7 Dm7(b9) G7 Cm Ab

37 G7 Ab D7 G7

43 C7 Fm Cm G7

47 Cm Cm

Ao c

53 C D7 C C

Partitura 5: Esse Choro é Meu Pranto de Claudionor Cruz.

ESSE CHORO É MEU PRANTO

Claudionor Cruz

Violão Tenor

Chords and notation details:

- Staff 1: G B7/F# Em G7 C E7 Am Am/G
- Staff 2: F#m B7(b9) Em F#7 B F#7 B D7
- Staff 3: G B7 Em G7 C E7 Am Am/G F#m B7 Em E^o
- Staff 4: G A7 D7 G Dm7 G7 C C^o Dm7 G7 C F
- Staff 5: B^o E7 Am D7 D^o G7 Dm7 G7 C C^o
- Staff 6: Dm7 G7 Gm7 C7 F7m Ab7 Db G7 C^o D7 G7
- Staff 7: C D7 G B7 Em G7/D C E7/B Am Am/G
- Staff 8: F#m B7(b9) Em F#7 B F#7 B D7 G B7 Em G7
- Staff 9: C E7 Am Am/G F#m D7 Em E^o G A7 D7 Juntas G Bb7
- Staff 10: Eb A7 D Ab7 Db Dm7 G7 C

Partitura 6: A Moçada no Samba de Tico-tico.

A moçada no samba

Tico-tico

Ut

Chords and markings in the score include: G^6 , $B^{\flat}dim$, A^m7 , E^7 , D^7 , A^7 , C^m6 , $B^{\flat}dim$, A^m7 , D^7 , G^6 , G^6 , E^m7 , G , D^7 , G , $F^{\#7}$, G^7 , $A^{\flat7}$, A^7 , $1. A^7$, $2. E^m$, E^m , $B^7/F^{\#}$, E^m/G , E^m , D , $F^{\#m}/C^{\#}$, A^m6/C , B^7 , E^7 , A^+ , E^m7 , A^7 , D , E^m , $B^7/F^{\#}$, E^m/G , E^m , D , E^m7 , A^7 , $1. D$, $F^{\#m7}$, $Fdim$, $2. D$, $D.S. al Coda$, $Coda$, G^6 , and *Fine*.

Partitura 7: Proezas de Solon. Choro de Pixinguinha e Benedito Lacerda.

Proezas de Solon
Choro

Revisão: Antonio Carlos Carraqueira
Cifra: Edmilson Capelari

Pixinguinha e Benedito Lacerda

© Copyright 1938 by Ed. MANGIONE - São Paulo - Rio de Janeiro - Brasil
© Copyright 1947 by IRMAOS VITALE S/A Ind. e Com. - São Paulo - Rio de Janeiro - Brasil
Todos os direitos reservados para todos os países - All rights reserved.

115

Partitura 8: Peneirando. Baião de Joel Nascimento. Folha 1.

PENEIRANDO
Baião

Joel Nascimento

1

dolim

Guitar notation with chords: D7, G7/D, C7, C#7, D7, D7, D7, G7/D, G7/D, D7, D7, D7, G7, D7, Bb7(9), A7(9), G7(9), A7, D7.

Partitura 9: Peneirando. Baião de Joel Nascimento. Folha 2.

Handwritten musical score for "Peneirando" (Baião de Joel Nascimento), page 2. The score is written on a six-line staff in G major (one sharp) and 2/4 time. The piece features various chords including B \flat 7(9), A7(9), G7(9), C7, D7, and B \flat 7(9). The score includes first and second endings, a "To Coda" section, and a "Coda" section. The score concludes with the handwritten text "PENEIRANDO BANDO LIM (2)".

As partituras expostas nesse documento foram utilizadas pelo pesquisador durante a apresentação na Semana de Exposição no dia 20 de outubro de 2023 com a Orquestra de Cordas Dedilhadas Claudionor Cruz.